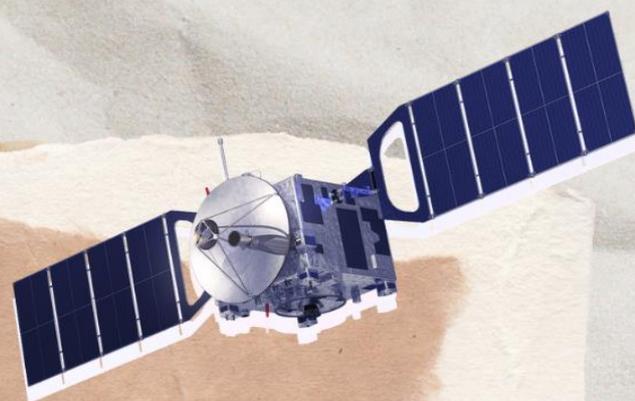


E-BOOK DE ITINERÁRIOS LETIVOS
PARA TEMAS LOCAIS APLICADOS AO GOOGLE EARTH

LAURO DE FREITAS
EM TRÊS DIMENSÕES
(3D)

A DIDÁTICA,
O DECOLONIAL E
O DIGITAL





SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO
2. CONECTANDO OS TEMAS LOCAIS AS DIMENSÕES DECOLONIAL, DIDÁTICA E DIGITAL
3. ORIENTAÇÃO GERAL DOS PROJETOS INTINERÁRIOS
 - A. ITINERÁRIO I
 - B. ITINERÁRIO II
 - C. ITINERÁRIO III
 - D. ITINERÁRIO IV
4. TUTORIAL PARA USO DO GOOGLE EARTH
5. TUTORIAL PARA ELABORAR PROJETOS NO GOOGLE EARTH
6. MATERIAL DE SUPORTE

APRESENTAÇÃO

“Lauro de Freitas em três dimensões (3D): o decolonial, a didática e o digital” é um Ebook de *itinerários letivos* da história local com aplicação em ferramenta digital de geolocalização, resultante da pesquisa no mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), realizada junto à Universidade Federal de Sergipe (UFS), entre 2020 e 2023. Esse material de suporte eletrônico objetiva auxiliar os professores de história da rede laurofreitense na abordagem de temas sobre o referido município em suas aulas.

Os itinerários letivos não devem ser confundidos com sequências didáticas, já que não tem a intenção de ritmar o trabalho pedagógico em sugestões de ensino detalhadas para cada momento da aula. Não se pretende também igualar o presente material aos itinerários formativos do Novo Ensino Médio, que seguem estrutura diferente, atendendo a outras metas na formação dos estudantes. O que chamamos de itinerários letivos constituem um conjunto de orientações que traçam um caminho pedagógico, integrado por três categorias teóricas, julgadas fundamentais no estudo de uma dada localidade: a didática histórica - voltada para a aprendizagem da prática historiadora em sala de aula -, a decolonialidade - representadas em temáticas populares - e a digitalização - identificada no uso do Google Earth (GE) para observação e reunião de dados das áreas analisadas.

A execução dos percursos pedagógicos - itinerários - depende do Google Earth, programa que permite observar e até simular a presença em várias áreas do mundo cobertas por imagens de satélite. Em razão dessa dependência, foi confeccionado um tutorial do GE para explicar suas funcionalidades, recursos educacionais e tecnológicos. Os projetos de autoria própria do usuário também ganharam uma tutoria capaz de ajudar aqueles que não sabem fazê-los. Tendo em vista a centralidade desse *software*, construímos trilhas virtuais no Google Earth, repletas de indagações e informações parciais, que atendem a abrangência inicial do assunto central de cada itinerário, estimulando os estudantes a pesquisarem mais sobre onde vivem.

Confeccionamos quatro itinerários, um para cada turma do Ensino Fundamental II, sobre as áreas periféricas de Lauro de Freitas com a finalidade de fortalecer a identidade local e, conseqüentemente, a cidadania dos estudantes da escola pública. Para um melhor conhecimento dos temas municipais tratados, disponibilizamos links de textos. Esperamos, com isso, que as recomendações deste E-book, cuidadosamente preparadas, sejam úteis para a realização de aulas de história local mais reflexivas, contextualizadas e conectadas.

CONECTANDO OS TEMAS LOCAIS AS DIMENSÕES DECOLONIAL, DIDÁTICA E DIGITAL

As três dimensões expressas na nomenclatura desse E-book, se referem aos pilares considerados fundamentais para tratar do ensino da temática local no município de Lauro de Freitas, presente nossa proposta pedagógica. Abordaremos nessa seção, portanto, de que maneira os princípios da decolonialidade, os contornos didáticos e a modelagem digital aparecem e são aplicados nos quatro itinerários, observando as teorias que lhes embasam.

A **dimensão decolonial** dos itinerários se manifesta no enfoque temático dados às áreas periféricas do município. Mas, o que significa decolonialidade? Costa & Grosfoguel (2016) defendem que a expressão faz alusão a um movimento social e intelectual que reconhece o sistema capitalista e o eurocentrismo como frutos da modernidade, conjuntura essa fincada nas práticas de colonização e na imposição de valores do colonizador. As narrativas históricas precisam, então, operar num pensamento de fronteira entre os tipos de domínio que os colonizadores tentaram impor e as formas de reação dos povos subjugados. Na mesma linha, Boaventura Santos (2007) reinterpreta os problemas globais da atualidade, tendo em vista o conhecimento e experiências das áreas do Sul, outrora vítimas da política colonizadora e ainda reféns da colonialidade do ser e saber.

Entende-se que a territorialidade pode ser parte da decolonialidade, pois esse bojo teórico aloca ramificações - o feminismo, a indo-afro-americanidade, a negritude etc. - que se assemelham a forma como as periferias urbanas são concebidas e tratadas pelos grupos privilegiados. Ou seja, as áreas periféricas, mesmo portando uma efervescência cultural e múltiplas atuações políticas, encontram-se ainda menosprezadas pelos os que detêm o poder, ou até mesmo por pessoas comuns, que historicamente tem forjado suas identidades e estilo de vida no arquétipo colonialista.

Uma forma de romper com tal legado é resgatar, conforme discute Maurice Halbwachs (1990), a memória comunitária. Neste caso, os estudantes precisam conhecer, entre outros, sujeitos, narrativas, situações cotidianas e costumes considerados imprescindíveis na caracterização onde moram -, de forma que essa memória popular possibilite, ao menos, dividir espaço com a memória histórica secular, qual seja: aquela que geralmente representa a elite local, constituindo, segundo Ricardo Oriá¹, “uma das formas mais fortes e sutis da dominação e da legitimação do poder”.

Nos resta pensar como o estudo dos territórios periféricos laurofreitenses corre na esteira da praticidade. Para isso, faz-se mister analisar o conceito de periferia sem as generalizações e simplismos muito comuns antes dos anos 1990, quando o termo estava relacionado somente à

¹ Ricardo Oriá, 2006, p. 136

violência, miséria e ausência de cultura. A conceituação de "periferia" desse trabalho, logo, se inclina ao parecer² cunhado pelos próprios moradores de tais regiões, que a descreve como esfera territorial de exploração - assim como classe, gênero e raça -, contudo repleta de resistências e potencialidades histórico-culturais. Uma noção que surgiu sem a intenção de romantizar, mas sim de "denunciar as condições sociais, unir as quebradas em guerra e pacificar esses territórios"³.

Assim, pretende-se demonstrar como a história local, alicerçada na decolonialidade via estudo dos territórios periféricos laurofreitenses, é capaz de promover a construção identitária de aprendizes da rede municipal. A identidade é aqui concebida⁴ como um processo - étnico-racial, profissional, local etc. - não estanque, que se faz e transforma na trajetória de cada ser, se moldando, logo, em peculiaridades bibliográficas e/ou atribuições sociais. Acreditamos que os estudantes, especialmente os da escola pública, devem fortalecer suas identidades nas margens da cidade.

Dessa maneira, o ensino regional precisa operar, fomentando a abordagem às múltiplas memórias, o resgate das origens étnico-raciais dos que vivem nas periferias, o enaltecer da cultura do bairro, sendo relevante conhecer narrativas distintas, os grupos musicais locais, as festividades e expressões artísticas engajadas, lideranças e projetos coletivos, ações juvenis, atividades comerciais, rotinas, esportes, eventos religiosos, redes solidariedade do lugar etc. Como bem informa Circe Bittencourt: "a questão da memória impõe-se por ser a base da identidade, e é pela memória que se chega à história local"⁵. Logo, esse estudo deve convergir para a mobilização no enfrentamento de situações típicas dos lugares margeados. Isto é, a busca por soluções nos aspectos da infraestrutura, truculência policial, violência, escassez de transporte público etc. A intenção, com isso, é de colaborar na construção da identidade dos estudantes em consonância com a consciência cidadã de preservação do entorno.

Essa proposta pedagógica se direciona, portanto, para os contornos da interculturalidade⁶ crítica, professada por Catherine Walsh (2009) e Paulo Freire (2000). Estudiosos que julgam a colonialidade como uma expressão de domínio que deve ser desconstruída de modo que o conhecimento escolar assuma um papel de libertação, mediante a leitura e análise mais estrutural do sistema capitalista, a introdução de temas alienígenas e o refutar de um único padrão cultural e racial. A decolonialidade é, logo, uma aliada potente no enfraquecimento das premissas da modernidade, o que abre caminhos para a escuta de vozes outras, o vislumbre de territórios

² Essa concepção dos moradores da periferia é exposta em Tiarajú D'andrea (2005, p. 27)

³ Tiaraju D'andrea 2005, p. 27.

⁴ Stuart Hall, 2014, p. 43

⁵ Bittencourt, 2009, p. 169.

⁶ Outra denominação para o movimento da decolonialidade.

renegados como patrimônios culturais e o considerar de indivíduos comuns como agentes históricos interventores no seu meio.

Uma saída capaz de contrariar a política educacional persistente no padrão curricular que desconsidera os sujeitos diretamente envolvidos e com a tendência secular de engessar os processos históricos numa linearidade evolutiva pró capitalista e europeia, que secundariza o protagonismo de outros povos, alija as diversas matrizes étnico-raciais, inferiorizando suas cosmovisões, filosofias e religiosidades; isto é, o devir civilizatório das comunidades indígenas e da diáspora africana, cujas expressões ainda são perpetuadas pelos seus muitos descendentes, que geralmente vivem nas margens das cidades.

Dessa maneira, os temas sobre Lauro de Freitas escolhidos para a construção dos itinerários pedagógicos e as trilhas virtuais no Google Earth, se inserem nos seus bairros periféricos - Portão, Itinga, Quingoma, Vida Nova - com destaque para as áreas ou patrimônios com os quais seja possível trabalhar conceitos, situações e questões mais direcionadas aos segmentos populares, historicamente alijados pela modernidade. A comentada proporção decolonial só poderá ter efeitos significativos, em nossa concepção, se houver uma metodologia de ensino que vá além de aulas calcadas apenas em narrativas históricas, conduzidas e centradas na figura do professor.

Por isso, a **dimensão didática** deste produto apresenta um tipo de ensino local que usa a temática regionalizada para o desenvolvimento da aprendizagem histórica estruturada em práticas típicas do ofício do historiador. Denominada *de Proposta Didática de Aprendizagem da História Local* (PDAHL), essa orientação de ensino passa pela problematização de situações cotidianas, indagação e análise de variadas fontes históricas e a construção de novas narrativas. Uma perspectiva pautada nas teses de Peter Lee, teórico inglês, que entende ser imprescindível aos estudantes da Educação Básica uma alfabetização em história, por ele chamada de Literacia Histórica. Essa concepção necessita, portanto, que seja ensinado não apenas os conceitos substantivos - eventos pretéritos, conjunturas, fatos - mas também os conteúdos meta-históricos - explicação histórica, empatia, imaginação, tolerância -, isto é, competências que ajudam na produção historiográfica.

Justificamos que quando as aulas da referida matéria escolar servem de laboratório, propicia-se ao estudante experienciar como ocorre a escrita nessa área do conhecimento, colaborando na formação de suas consciências históricas. Consequentemente, há uma facilidade na tarefa docente de contestar as atuais ondas de negacionismo e revisionismos, deliberadamente

propagadas com intenções de minimizar e/ou invalidar processos antigos que subsidiam a percepção das relações de exploração, miséria e preconceito etc.

O *primeiro momento* da nossa Proposta Didática de Aprendizagem da História Local (PDAHL) é o da problematização de algum objeto de estudo da região analisada. Deve-se aproveitar a oportunidade para ensinar, ao menos em linhas gerais, o que é História. Isto é, o que pesquisa e quais os pilares dessa ciência humana. Nessa esteira, cabe apresentar os papéis dos profissionais da história, bem como a importância e os desafios do trabalho desenvolvido para a memória da sociedade. Caso a abordagem já tenha sido feita em aulas anteriores, não é demais retomá-la, sobretudo no que concerne a natureza plural dos objetos de estudo que agora é marcante na escrita histórica e, que no passado, ao contrário, estava restrito a certos sujeitos, eventos, estrutura da vida e vestígios.

Ao ressaltar essa pluralidade do interesse historiográfico, o docente precisa aproveitar para justificar o motivo da temática local ter sido escolhida para a PDAHL, pois “para o educando, seu universo pode ser banal, mas no momento em que o professor lhe mostra possibilidades de aprendizado vinculadas ao mesmo, torna-o mais significativo para ele. Ao reconhecer seu ‘mundo’ sob outra perspectiva, o aluno será capaz de amar, preservar e valorizar seu ambiente e suas vivências”⁷, exigindo a habilidade de problematizar a realidade, como se pretende desenvolver na próxima fase.

A *fase II* da PDAHL é a ocasião ideal para que o estudante perceba como a problematização movimenta a pesquisa em história. Além da dúvida, é pertinente elucidar sobre a importância de elaborar hipóteses. Essas suposições que estão mais próximas do que pode responder à questão central, servem de metas a serem alcançadas no ato investigativo. Não se deve exigir, todavia, problematizações muito complexas dos estudantes, tal qual fazem os historiadores. Por outro lado, apontar algumas questões permite aos próprios alunos notarem que são capazes de elaborar uma pergunta central que demande metas investigativas mais profundas. É possível que nesse momento, os próprios estudantes tenham dúvidas de como os profissionais da área fazem para tentar validar ou não suas hipóteses. É aí que o professor precisa explicar o conceito do principal material usado pelos historiadores; isto é, o que é de fonte histórica.

Assim, a didática é conduzida para a *III fase* da PDAHL. Esse momento pede, portanto, que as fontes históricas sejam conceituadas. Segundo Carla Pinsky (2005, p. 7), fontes históricas são todo o material, o qual os historiadores se apropriam por meio de abordagens específicas, métodos diferentes, técnicas variadas para tecerem seus discursos históricos”. Logo, a terceira

⁷ Silvana Ramos, 2016, p. 5

fase oportuniza o docente a apresentar a variedade das fontes históricas e as categorias nas quais estão agrupadas, além de aguçar os estudantes a pensarem sobre como e por quem esses registros são produzidos.

Orientamos que seja dada atenção especial às fontes orais, haja vista que é por meio delas que se pode levantar saberes e memórias de povos ágrafos e de segmentos sociais invisibilizados pela escrita histórica. Faz-se mister aproveitar o ensejo para explicar a metodologia da história oral, pautada em entrevistas e na ética. De acordo com o historiador italiano Carlo Ginzburg (1939), parafraseado por Silvana Ramos (2016, p. 8), a narrativa dos acontecimentos e personagens, fundamenta-se em provas, ou seja, em marcas do passado que não podem ser tramadas pelo historiador. Esse pensamento é fundamental para que seja explicada a premissa de que a História só é validada no meio acadêmico mediante a apresentação de evidências e, logo, “não para nos testemunhos”⁸.

Para se chegar às evidências - *4ª fase da PDAHL* - é imprescindível recorrer às fontes históricas. Como ensinar esse processo nas aulas de História? Peter Lee⁹, garante que “A partir do momento em que falamos do que pode ou não ser testemunhado, as crianças fazem avanços na compreensão de ‘evidência’, compreendem que os historiadores não copiam os testemunhos pois eles fazem inferências”. Porém, o documento histórico só pode ser útil quando questionado por quem pesquisa. O estudante pesquisador deve saber que os vestígios do passado, quer sejam escritos ou visuais, tem suas peculiaridades, o que demanda a pesquisa sobre o conceito e a natureza de cada um deles. Afinal, “[...] é preciso conhecer a fundo, ou pelo menos da melhor maneira possível, a história daquela peça documental que se tem em mãos. [...], contextualizar o documento que se coleta é fundamental para o ofício do historiador!”¹⁰

Como a nossa intenção não é formar “historiadores na Educação Básica”, mas permitir ao estudante vislumbrar e experienciar o labor historiográfico, alertamos o professor para evitar exigências requintadas no trato das fontes e nas produções discentes, pois essas tarefas são caras até mesmo para os profissionais da área. Reconhecendo essa complexidade, apontamos ser imprescindível a tutela docente aos estudantes nessa etapa, sobretudo na formulação de perguntas mais técnicas

Concluída a avaliação das fontes, é hora de arrumar as ideias - evidências, argumentos - e construir a narrativa, que caracteriza a *última fase da PDAHL*. Os estudantes devem estar cientes de que as narrativas que estão construindo sobre sua cidade não podem ser fabulosas, mas sim

⁸ Peter Lee (2001, p. 15)

⁹ Ibidem

¹⁰ PINSKY, 2005, p.64.

históricas, ou seja, se referir “aos acontecimentos proferidos e narrados, que são considerados como tendo ocorrido verdadeiramente no passado”.¹¹

As múltiplas narrativas sobre um mesmo tema que foram elaboradas pelos estudantes serve de base para “fazer entender que as histórias podem ser válidas e dizer coisas diferentes”¹². O professor nessa etapa tem que ensinar aos aprendizes algumas características essenciais de uma narrativa histórica, tais como: lugar, período, personagens, fatos etc. E esses elementos podem servir de roteiro do próprio texto final, sendo alimentados pelos dados e evidências levantadas na etapa anterior. Ainda que repletas de lacunas e questionamentos, essas novas narrativas resultantes da PDAHL, podem direcionar a história local de Lauro de Freitas para a dimensão da decolonialidade, uma vez que os temas sugeridos são atrelados às suas áreas periféricas.

A **dimensão digital** deste Ebook é representada pelo protagonismo do Google Earth na aplicação dos itinerários nas aulas de História. A centralidade de tal *software* na proposta pedagógica se justifica em suas altas tecnologias de visualização. Inclusive a frequência do termo "dimensão" na nomenclatura do produto faz alusão também à modelagem 3D de parte dos roteiros sobre Lauro de Freitas, executáveis no programa. Com instrumentos de geolocalização, interação e socialização, o GE é considerado potente para o estudo da cidade, seja somente dentro dos muros da escola, seja por meio de estratégias complementares às saídas de campo pelo município.

Além de “colocar” praticamente o usuário nas vias da cidade a partir de “mapas mais vivos”¹³, graças ao *street view*¹⁴ que disponibiliza, o Google Earth pode ser considerado uma espécie de “bagageiro digital” onde são armazenadas informações, recursos audiovisuais e representações das localidades em estudo, viabilizando a consolidação das fases da proposta didática de aprendizagem histórica local (PDAHL), acima explicada. Isto é, o formato do GE comporta simultaneamente recursos e ações pedagógicas para o estudo de Lauro de Freitas, a exemplo de fontes históricas - escritas, orais e imagéticas - problematização de situações urbanas e a construção de novas narrativas sobre o lugar.

Ao portar ampla cobertura imagética das mais diversas áreas do mundo, o GE também é um facilitador da abordagem decolonial do tipo territorial - o foco nas áreas e patrimônios das periferias municipais -, desde que seja elaborado pelo usuário um projeto de autoria própria. Ainda

¹¹ Jörn Rüsen, 2001, p. 155

¹² Peter Lee, 2001, p.20

¹³ In <https://www.google.com/intl/pt-BR/streetview/>

¹⁴ Google Street View é uma tecnologia presente no Google Earth que permite uma visualização panorâmica de várias áreas do mundo como se estivesse no ambiente caminhando.

que não seja intencionalmente, o Google Earth torna exequível ações pedagógicas críticas e libertárias¹⁵ e, portanto, voltadas para temas “alienígenas”¹⁶. Sobre essa linha de ensino, Paulo Freire (2004), ressalta ser imprescindível o estudo de conteúdos e questões, nem sempre contempladas nos currículos, que colaborem na conscientização dos aprendizes sobre suas condições no sistema-mundo

Ao afirmarmos que a perspectiva pedagógica decolonial é facilitada pela composição tecnológica da referida plataforma, não estamos ignorando o fato de que os produtos do Google estão acompanhados de dispositivos capazes de fortalecer seu imperialismo junto aos usuários. Chamadas de capitalismo de vigilância e de colonialismo digital, essas ações têm se apropriado dos dados dos internautas para fins políticos, econômicos e até de controle social. Sobre isso, argumentou Cláudio Paiva (2009, p.2):

Os processos de monitoramento do real são facas de dois gumes, por um lado, incitamos a imaginação e a vontade de criar, acessando às raras imagens do mundo. [...] Poder contemplar o planeta digitalizado consiste num doce instante de felicidade, pois sugere a realização, o êxito e a satisfação do gosto através da visualização de imagens extraordinárias. Mas, por outro lado, o Google Earth [...] corre o risco de se tornar uma presa dos interesses econômicos, políticos, militares e mercadológicos globais.

Essas observações sobre produtos pedagógicos digitais devem ser consideradas e problematizadas em sala de aula. Contudo, na nossa avaliação, não podem ser empecilho para a inserção e o manejo com as tecnologias virtuais na educação. Entendemos que o uso do Google Earth e outros programas similares nas escolas públicas, podem enfraquecer também o cenário do nosso país que ainda não realizou a plena democratização de acesso à dimensão digital.

Partindo dessa premissa, inserir aparatos tecnológicos nas aulas é de grande relevância política. Concepção devidamente respaldada pela Base Nacional Comum Curricular, na medida em que a normativa propõe o diálogo com a digitalização no processo de ensino aprendizagem, quer seja colaborando para que os aprendizes conheçam e se tornem hábeis na utilização de instrumentos tecnológicos, quer seja subsidiando nas reflexões críticas sobre tais ferramentas.

Por outro lado, é fato que o eixo tecnológico da BNCC tem servido a uma demanda capitalista, na medida em que empresas, destinadas à venda de “produtos educacionais digitais”¹⁷, auferem lucros com seu formato. Por trás dessa atraente tecnologia, vê-se métodos jesuíticos, que reforçam o tecnicismo destinado à formação da mão de obra a ser explorada pelo capital. A respeito disso, afirma Circe Bittencourt:

¹⁵ Fazemos referência às orientações freireanas. In. Paulo Freire, *Pedagogia da Esperança*, 2004, p. 25.

¹⁶ Paulo Freire (2004)

¹⁷ Geek One, Kahoot, Wonderwall são exemplos de plataformas digitais com funções mais simples e gratuitas e também com operações mais sofisticadas que exigem plano de pagamento.

A BNCC aponta para uma “modernização” dos conteúdos e dos métodos escolares tendo como premissas as novas vivências da geração das mídias, do individualismo do jovem cidadão consumidor cujo sonho é se integrar ao sistema capitalista globalizado que o torna dependente da aquisição contínua de novas tecnologias¹⁸.

É certo que há uma capitalização da educação concernente ao comércio de sistemas digitais de ensino. O contato com tais materiais, em nossa experiência docente, especialmente durante a pandemia de covid-19, nos leva a inferir que os comentados recursos são confeccionados por pessoas que nem sempre pertencem à área de ensino.

Se a tecnologia e a web constituem uma realidade incontestável e podem facilitar as práticas pedagógicas que atribuem aos estudantes um papel mais investigativo e ativo, é o momento dos profissionais da educação dialogarem com as plataformas digitais gratuitas de modo que seus objetivos de ensino-aprendizagem sejam alcançados e, até, politizados.

Entende-se que a inserção digital empregada de forma adequada no sistema de ensino pelos professores, pode até ser interpretada como um ato político, haja vista estarem amortizando a interferência pedagógica de perfil tecnicista, acrítico e de interesse, muitas vezes, meramente lucrativo das empresas que vendem “produtos educacionais”. Trata-se de uma batalha travada com as mesmas armas utilizadas pelo sistema, porém com a meta de caráter social, destinada à emancipação do ser humano.

Isto é, defendemos que a educação digital precisa adentrar as escolas não para estimular o consumismo tecnológico, mas para que os estudantes, sobretudo aqueles das escolas públicas não se tornem analfabetos digitais e, com isso, encontrem mais barreiras para se integrar ao mercado de trabalho ou mesmo para o avançar nos estudos acadêmicos.

Nesse sentido, o Google Earth pode ser útil, uma vez que dispõe de instrumentos para os usuários que querem ultrapassar o amadorismo, usando-o para fins profissionais com metas intelectuais, lucrativas ou mesmo de entretenimento. Há uma biblioteca repleta de arquivos traduzíveis para inúmeros idiomas, destinada às pessoas que pretendem se especializar no programa. A proposta formativa do GE não para nos acervos de livros. Vídeos, slides e canais extra orientam como elaborar narrativas para os roteiros que o usuário porventura queira confeccionar no *software*.

O emprego de tecnologias mais avançadas e táticas de estúdios para retratar um dado lugar também estão às ordens, assim como os encontros virtuais sob demanda de inquietações e necessidades dos usuários. Vasculhando os elementos externos deste programa, encontramos mais canais que assessoram nessa empreitada de produção de roteiros próprios de perfil

¹⁸ Circe Bittencourt, 2008, p. 143

profissional. O Google Earth Solidário reúne outras ferramentas de mapeamento para, de acordo com seu anúncio, colaborar na conscientização da população e até em ações que possam “mudar o mundo”.

Enquanto o GE Engine concede a observação geoespacial com um super armazenamento, o Google Earth Studio facilita a construção de animações no programa. São facetas mais especializadas que, uma vez apresentadas aos estudantes, podem estimulá-los a pesquisar como são operadas, ao tempo em fazem uma espécie de formação autodidata com vantagens para além da sala de aula.

Em outras palavras, desvendar esse “universo” estendido do GE significa mostrar aos estudantes que o programa pode ser usado para outros fins que não necessariamente às atividades escolares. Numa época em que alguns aprendizes almejam se tornar criadores de conteúdo e digital influencer das redes sociais, almejando popularidade e renda, nunca é demais que a escola indique plataformas que promovem diversificação temática e tecnológica.

O trabalho pedagógico com o supracitado software não precisa se restringir ao viés midiático das redes sociais. Apresentar plataformas subjacentes, como as do GE Solidário ou mesmo do GE Studio, é uma estratégia relevante para que esses aprendizes estejam de fato inseridos na virtualização e, portanto, habilitados a usar linguagens de programação, constituindo um currículo oculto que possa colaborar em suas futuras profissões.

Cabe enfatizar, por outro lado, que embora tenhamos mostrado funções mais avançadas do supracitado *software*, nosso trabalho efetivamente é o de construir roteiros que acionam mecanismos mais simples do programa. Para isso, elaboramos dois tutoriais, que estão na última parte do E-book. Confira!

ITINERÁRIOS LETIVOS: CONSIDERAÇÕES GERAIS

Os projetos itinerários letivos que seguem nas próximas páginas deste E-book foram feitos para as turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Consideramos os temas locais próximos dos conteúdos da grade curricular de cada turma, esperando com isso não afetar o programa oficial e, simultaneamente, maximizar o tempo pedagógico para a execução da nossa proposta. Para garantir que conteúdos gerais e regionais sejam contemplados, recomenda-se que a abordagem sobre Lauro de Freitas ocorra a partir dos *Conteúdos Curriculares Associados* - listado na parte I dos itinerários. De todo modo, a aplicação do itinerário precisa respeitar as demandas do calendário escolar e, por isso, deve estar contido no planejamento da disciplina.

Organizados em tabelas semelhantes à estrutura dos planejamentos escolares, os projetos itinerários letivos são compostos por uma temática central, objetivos, lista de conteúdos da realidade local e conteúdos gerais associados, habilidades da BNCC e comandos para contemplar a interdisciplinaridade. Ademais, há na capa de apresentação de cada itinerário um link para acessar os roteiros virtuais sobre Lauro de Freitas no Google Earth.

Os roteiros do GE, vale salientar, são compostos por questionamentos, imagens, marcadores de localização e informações pontuais das áreas laurofreitenses com a finalidade de introduzir, diagnosticar e despertar os estudantes para as questões municipais. Optamos, portanto, em construir roteiros curtos e incompletos para instigar a turma a participar ativamente das saídas de campo e a realizar pesquisas, de modo que consigam mais dados para as trilhas no GE, que terão de fazer na tarefa final. Todas essas informações constam no 1º quadro, que é uma súmula da proposta do itinerário.

A interdisciplinaridade é outra característica importante no itinerário, pois proporciona um estudo mais completo da realidade local, colaborando na execução das etapas de aprendizagem com mais momentos em sala de aula e sob perspectivas distintas. É importante ressaltar que nosso material não prevê um guia para as outras disciplinas envolvidas nas propostas de ensino. Para cada tema da citada cidade, demonstramos apenas como as outras matérias escolares podem abordar questões locais, indicando assuntos e estratégias pedagógicas que consideramos fundamentais para o desenvolvimento das habilidades e objetivos elencados nos itinerários. Tais noções interdisciplinares estão na primeira e segunda parte do itinerário.

O 2º quadro descreve o percurso didático para todo o ano letivo, sem a pretensão de detalhar as ações pedagógicas em cada aula. Nessa seção há o “passo a passo” mais abrangente a ser adotado para aplicação completa do itinerário que auxilia o professor a fazer seu plano de aula. Na etapa I, sugerimos a apresentação da proposta do itinerário, a organização da turma em equipes e a aproximação dos

estudantes ao tema, através de questionamentos e da exibição de um roteiro do GE, referente às áreas da cidade em foco. Na etapa II, indicamos que seja agendada uma saída de campo pela região municipal em análise para que os estudantes possam recolher dados que possam ajudá-los na produção do seu roteiro. Na etapa III, recomendamos que os temas da cidade sejam estudados na linha da didática, isto é: o professor deve indagar, apresentar fontes históricas para serem analisadas pelos estudantes de modo que possam elaborar novas narrativas sobre onde vivem. Na etapa IV, a turma precisa entrar em contato efetivamente com o Google Earth para que saibam elaborar seus roteiros no programa.

Portanto, o software é de uso obrigatório para a realização da tarefa final de cada itinerário, como bem mostra o terceiro quadro. A atividade desafia os aprendizes a serem autores de uma trilha no GE com a função de colaborar na intervenção de uma dada situação estudada de Lauro de Freitas. Acreditamos que para a produção digital da turma no Google Earth ser coerente aos objetivos do itinerário, é importante que haja o aprofundamento do que está nos roteiros que elaboramos e, preferencialmente, a inclusão de novos dados ligados ao tema do itinerário. Por outro lado, evitamos ditar subtemas e comandos nessa etapa, para não engessar o trabalho docente e a criatividade dos estudantes.

No quadro 4, os aspectos didáticos, decoloniais e digitais são explicados separadamente, evidenciando de que maneira integram o itinerário. Para situar o docente sobre como os referidos pilares teóricos figuram e se comunicam nesse produto, tivemos o cuidado de reforçar a importância de temas populares, métodos semelhantes a prática historiográfica e os recursos tecnológicos na abordagem da história local, o que pode tornar o estudo mais desafiador e direcionado à realidade dos estudantes.

Apesar de desejarmos que os itinerários sejam seguidos em sua integralidade, acreditamos que tal material também possa ser flexibilizado; isto é, algumas de suas etapas podem ser suprimidas e/ou modificadas ao sabor do docente. É por isso que na sessão *Etapas de Aplicação do Itinerário*, existe um percurso didático com sugestões de etapas capazes de serem alteradas em sua ordem de execução ou distribuídas em três ou quatro unidades letivas.

O mesmo serve para a proposta de atividade final, que é passível de adequação ao perfil da turma, ou a outros interesses de ensino-aprendizagem. Caso queira, o mestre pode aproveitar o conteúdo desse suporte eletrônico para os outros níveis da Educação Básica - Ensino Fundamental I e Ensino Médio -, desde que sejam feitas as adaptações necessárias.

ITINERÁRIO LETIVO I

Gentes e Rios:

O Ipitanga, os indígenas e a
Reserva Thá-Fene
Em Lauro de Freitas





Apresentação

Itinerário Letivo I

Esse itinerário letivo tem o objetivo de estudar parte do bairro de Vida Nova, onde está localizada uma reserva Indígena pouco conhecida em Lauro de Freitas. O interesse pela Thá Fene - formada no final do século XX por índios da etnia Kariri-Xocó e Fulni-Ô - se justifica na necessidade de superar a noção generalista e equivocada do índio nu na mata, levando a constatação de que os povos indígenas da atualidade não ficaram "congelados" no tempo.

Com o vislumbre das vivências em tal espaço, pode-se notar as transformações no que se refere os aspectos econômicos, sociais, religiosos, culturais e estéticos desse povo, conhecendo outros tipos de cosmovisões e modos de vida. Além disso, essa é uma oportunidade de refletir sobre a relação entre os rios e as civilizações, a partir do recorte local do passado de Lauro de Freitas, ou seja, observando o rio Ipitanga e os indígenas Tupinambás.

ROTEIRO VIRTUAL DO ITINERÁRIO LETIVO I

TEMA: NA BRECHA DO RIO, O CORTE DAS GENTES

Se você acha que Lauro de Freitas é apenas uma pequena cidade litorânea da Região Metropolitana de Salvador atravessada pela Estrada do Coco, se engana. O município é cortado por três rios, o Ipitanga, o Joanes e o Sapato. O aproveitamento desses recursos naturais pelas pessoas ao longo do tempo, tem gerado uma cultura potente com marcas na trajetória e identidade local. Neste roteiro virtual do GE vamos conhecer como aconteceu essa relação, especialmente, entre os povos indígenas e o rio Ipitanga. Se interessou? Então, é só clicar na imagem com link abaixo!!!



1ª PARTE: DADOS GERAIS DO ITINERÁRIO I

<u>Tema:</u> Lauro de Freitas entre as brechas dos rios e as ações das gentes	<u>Série:</u> 6º ano
<u>Habilidades da BNCC:</u> (EF06HI01): Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas). (EF06HI02): Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas. (EF09HI07): Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as pautas dos povos indígenas, no contexto republicano (até 1964), e das populações afrodescendentes. (EF07HI09): Analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistência.	
<u>Objetivo Geral:</u> Analisar a relação entre a população de Lauro de Freitas e o rio Ipitanga no tempo.	
<u>Objetivos Específicos:</u> <ul style="list-style-type: none">● Analisar a relação entre as civilizações e os cursos fluviais;● Compreender a importância do rio Ipitanga para os povos tupinambás e a identidade local laurofreitense;● Relacionar a formação da Freguesia de Santo Amaro de Ipitanga ao rio Ipitanga.● Perceber vivências de matriz indígena na reserva Thá-fene.● Sensibilizar-se com a situação de degradação da tríade fluvial de Lauro de Freitas;● Expor roteiro virtual sobre os rios da cidade para uma primeira abordagem sobre o tema do itinerário;● Elaborar manifesto em defesa da preservação dos rios na cidade;● Conhecer aspectos históricos da cidade relacionados aos rios Ipitanga, Joanes e Sapato;● Produzir roteiro virtual no Google Earth sobre os rios que passam por Lauro de Freitas;● Perceber os problemas da cidade oriundos das enchentes dos rios;● Ser capaz de reconhecer como os rios imprimiram marcas na cultura e identidade laurofreitense;● Refletir sobre resistências ameríndias frente ao colonialismo português;	
<u>Interdisciplinaridade:</u> Indica-se envolver as disciplinas Geografia com a intenção de discutir os impactos da degradação ambiental; Sociologia para refletir como os efeitos da degradação dos rios afeta os diferentes grupos sociais da cidade; Artes para orientar na elaboração dos protótipos de monumento históricos; e Português para orientar na construção do texto-manifesto, bem como dos informes destinados ao roteiro virtual do Google Earth.	
<u>Conteúdos Curriculares Associados:</u> <ul style="list-style-type: none">● Comunidades Primitivas, Recursos Naturais e Sedentarização;● Povos Originários na América: Os Tupinambás;● Colonização Portuguesa na América;	<u>Conteúdos Locais:</u> <ul style="list-style-type: none">● Patrimônio material de Lauro de Freitas! (portal da cidade)● A Freguesia de Santo Amaro de Ipitanga● A tríade fluvial em Lauro de Freitas● A reserva indígena Thá-fene

2ª PARTE: DADOS GERAIS DO ITINERÁRIO I

2ª PARTE: O PERCURSO DIDÁTICO DO ITINERÁRIO I

ETAPA I: introdução do assunto e da atividade

1º. Abordar o tema “Lauro de Freitas entre as brechas dos rios e as ações das gentes”, por meio do roteiro virtual do GE para animar reflexões e diagnosticar conhecimentos prévios dos estudantes. (2 aulas de História)

2º. Apresentar a proposta pedagógica de temática local, justificando sua importância a partir de argumentos da decolonialidade apontados no roteiro virtual; Organizar a turma em equipes, atribuindo-as os subtemas contidos na seção “*conteúdos locais*” na parte I do itinerário (1 aula de História)

3º Solicitar que as equipes realizem pesquisas na internet e elaborem perguntas a serem aplicadas aos moradores da cidade de acordo com o subtema de cada equipe. (atividade de contraturno)

ETAPA II: saída de campo e trato dos dados

1º Realizar saída de campo pelas áreas da cidade de Lauro de Freitas onde estejam os rios Ipitanga, Joanes e Sapato para capturar imagens atuais, que serão usadas nos seus futuros roteiros. Ver agendamento com a direção da escola; (um turno)

2º Coletar assinaturas dos moradores da cidade para respaldar um manifesto em favor da preservação dos rios e de sua memória. (na saída de campo)

3º Entrevistar os moradores da cidade sobre a história do lugar, enfatizando os três rios que cortam Lauro de Freitas (durante a saída de campo)

4º Organizar os dados coletados no Google Docs para depois alimentar os roteiros no GE. (atividade de contraturno)

2ª PARTE: O PERCURSO DIDÁTICO DO ITINERÁRIO I

ETAPA III: aplicação das etapas da PDAHL	ETAPA IV: produção de roteiro no GE
<p>1º Problematizar como os moradores de Lauro de Freitas se relacionam com os rios Ipitanga, Joanes e Sapato. (1 aula de História e 1 aula de Filosofia)</p> <p>2º Disponibilizar fontes históricas imagéticas - tais como fotografias antigas de ruas e dos patrimônios ambientais - documentos oficiais - projeto de emancipação da cidade, reportagens sobre a situação e efeitos dos rios na cidade - para explicar o papel desses vestígios na historiografia. (1 aula de História)</p> <p>3º. Analisar as fontes históricas selecionadas para encontrar evidências históricas, mediante indagações sobre seu conteúdo e quem as produziu; (1 aula de História)</p> <p>4º Elaborar novas narrativas sobre a relação da cidade com sua tríade fluvial. (1 aula de História)</p>	<p>1º Compartilhar o tutorial do Google Earth para elaborar projetos no programa; (contraturno)</p> <p>2º Elaborar o roteiro para a trilha a ser feita no GE (contraturno)</p> <p>3º Elaborar esboços de monumentos para a cidade que estejam ligados aos rios (2 aulas de artes)</p> <p>4º Confeccionar um roteiro virtual no GE (2 aulas de cada disciplina envolvida) + (contraturno e correção online dos professores)</p> <p>5º Produzir um manifesto que sensibilize a alerte o poder local respeito da situação fluvial em Lauro de Freitas; (2 aulas de Português e 1 de filosofia)</p> <p>6º Visitar a Reserva Thá-fene para vivências ligadas as matrizes culturais dos povos originários. (1 turno)</p>

3ª PARTE: ATIVIDADE DO ITINERÁRIO I

TAREFA DESAFIO

Elaborar um manifesto sobre a atual situação dos rios Ipitanga, Joanes e Sapato na cidade de Lauro de Freitas. O texto deve portar uma justificativa que aponte a importância dos rios para o meio ambiente, a economia, o abastecimento e, especialmente, a memória e identidade local. Nesse protesto escrito, os estudantes devem apresentar sugestões a serem adotadas tais como: a revitalização - limpeza e políticas de conservação -; desenvolvimento turístico com a criação de pontos de observação dessas áreas naturais que tenham espaços de convivência, alimentação, meditação; inauguração de pequenas rotas aquáticas de travessia para conhecimento ambiental e histórico; retomada da atividade de pesca nas áreas revitalizadas; construção de monumentos no entorno dos rios que rememoram acontecimentos ou processos de resistência da população ligados aos cursos fluviais.

No corpo do documento do manifesto deverá ser inserido o link para acessar no programa Google Earth a trilha digital que trata da importância da tríade fluvial para cidade, demarcando os espaços de memória com sugestões de tipos de monumentos que devem ser erguidos, bem como nas áreas indicadas para ações de preservação solicitadas junto ao poder público local. Esses monumentos devem ser sugeridos em desenhos pelos próprios estudantes e estarem no projeto do GE. A recomendação é que o documento de manifesto seja encaminhado à Prefeitura e Câmara Municipal de Lauro de Freitas com o objetivo de cobrar do legislativo e executivo intervenções nos rios que cortam o município.

4ª PARTE: AS TRÊS DIMENSÕES DOS ROTEIROS DO ITINERÁRIO I

DIMENSÃO DECOLONIAL	<p>A análise do termo “Ipitanga” em tupinambá pode ser aproveitada para ressaltar a ligação do rio com os povos indígenas, enfatizando o estilo de vida nativo - cosmovisão, relação com a natureza -, de modo que seja comparada essa concepção com o sistema-mundo moderno. As violências sofridas em virtude do padrão colonialista europeu, bem como as estratégias de sobrevivência física e cultural adotadas por esses povos ao longo do tempo, precisam ser amplamente discutidas. A degradação dos três rios deve ser atribuída ao resultado da ocupação desordenada e da lógica lucrativa capitalista, bem como estar relacionada aos episódios caóticos de enchentes na cidade. É imperioso, por fim, destacar a importância da preservação desta tríade fluvial tanto para o abastecimento de água potável na Região Metropolitana de Salvador, como na ressignificação da ancestralidade e identidade local.</p>
DIMENSÃO DIDÁTICA	<p>Os estudantes devem compreender o tema numa perspectiva temporal. Assim, podem diferenciar os conteúdos de segunda ordem ligados à passagem do tempo, tais como: mudança, simultaneidade, permanência, processo, fato. Esses conceitos devem ser explicados pelo professor e exemplificados com a situação dos rios na PDAHL. Outra sugestão, é o exercício da imaginação e da tolerância, visto que os discentes serão impelidos a imaginar como deveria ser esses recursos e quais usos eram feitos por povos indígenas e africanos, o que exige a mobilização da empatia e do respeito por matrizes culturais e religiosas, talvez distintas daquelas por eles comungadas. Por fim, indicamos uma prática típica do ofício do historiador através do estímulo a realização de entrevistas com a comunidade que tragam a tona histórias não contempladas pela historiografia local e sigam a metodologia da história oral, segundo a qual o profissional da história registrar o coletado e, por meio de perguntas críticas, tenta separar o processos racionais das expressões resultantes do senso comum, buscando entender o porquê de certas falas e narrativas.</p>
DIMENSÃO DIGITAL	<p>A dimensão digital figura através do emprego do Google Earth. Este programa é usado em três momentos nesse itinerário. No primeiro momento, o professor expõe o roteiro que elaboramos sobre os rios que cortam Lauro de Freitas para apresentar o tema aos estudantes. No segundo momento, os estudantes aprenderão a fazer projeto de autoria própria no software GE. No último momento, o programa será usado efetivamente para a confecção da trilha virtual com sugestões de patrimônios.</p>

ITINERÁRIO LETIVO II

Vivências afro-diaspóricas:

Religiosidades,
Solidariedades Comunitárias
e Atuação Politizada
No bairro de Portão





Apresentação

Itinerário Letivo II

Esse itinerário letivo II tem o objetivo de refletir sobre as vivências africanas na América, durante o tráfico atlântico de povos escravizados entre os séculos XVI e o século XIX, através das experiências religiosas, comunitárias e políticas de Portão, bairro periférico de Lauro de Freitas.

O contemplar do memorial afro-brasileiro Mãe Miriam e da Associação São Jorge Filho da Goméia pode direcionar a educação para a quebra das visões deturpadas sobre as religiões de matriz africana.

Conhecer a atuação da Ialorixá junto aos políticos para promover melhorias à população do bairro de Portão, bem como narrativas ligadas aos preceitos da crença, deseja-se colaborar no respeito à diversidade religiosa na cidade, entendendo que as visões predominantes na sociedade são fruto de um modelo de domínio colonialista ainda em vigor.

ROTEIRO VIRTUAL DO ITINERÁRIO LETIVO II

TEMA: De Portão Aberto para a Religiosidade, Solidariedade Comunitária e Atuação Política

Portão é um bairro da periferia de Lauro de Freitas que porta vivências afro-diaspóricas.

Essas manifestações da cultura afro-brasileira que se formaram no contexto da escravidão no Brasil foram perpetuadas e ressignificadas nos espaços de margem cidade. Valorização das múltiplas religiosidades, círculos de solidariedade comunitária e atuação política são marcas desse lugar, que precisam ser conhecidas e valorizadas pela população local. Para maiores informações, basta navegar no roteiro do Google Earth que elaboramos sobre essa parte do município, clicando na imagem com link abaixo!!!



1ª PARTE: DADOS GERAIS DO ITINERÁRIO II

Tema: Portão, um bairro aberto à solidariedade e diversidade religiosa!	Série: 7º ano
Habilidades da BNCC: (EF06HI01) Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas). (EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas. (EF07HI12) Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial e étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática).	
Objetivo Geral: Compreender os reflexos da religiosidade de matriz africana na memória laurofreitense a partir do estudo do bairro de Portão.	
Objetivos Específicos: <ul style="list-style-type: none">● Entender as características sociais, políticas e econômicas dos povos da Guiné;● Expor roteiro virtual sobre o bairro Portão no GE para uma primeira abordagem sobre o tema do itinerário;● Relacionar a intolerância religiosa aos cultos afro-brasileiros a colonialidade de base europeia;● Ser capaz de reconhecer os benefícios sociais das ações de solidariedade provenientes de entidades religiosas;● Conhecer a biografia de Altanira Maria Conceição Souza (Mãe Miriam de Portão)● Perceber a religiosidade de matriz-africana como uma recriação afro-diaspórica na cidade;● Visitar o Terminal Turístico Mãe Miriam e a oficina São Jorge Filho da Goméia para capturar imagens em 360º destinado ao projeto no Google Earth;● Entrevistar a comunidade de Portão sobre a presença de aspectos da cultura e religião afro-diaspórica, especialmente no Bloco Bankoma e nas oficinas artesanais do lugar;● Confeccionar projeto de trilha virtual sobre o bairro de Portão no Google Earth;● Refletir sobre as ausências de processos históricos e culturais ligados aos povos africanos, submetidos a colonialidade do ser e do saber.	
Interdisciplinaridade: A parceria com a disciplina Sociologia é válida para discutir as ações sociais oriundas de entidades religiosas. A discussão sobre relativismo e intolerância religiosa fica a cargo da disciplina Filosofia. A matéria Português ajuda a orientar na elaboração de textos para o museu virtual no Google Earth.	
Conteúdos Curriculares Associados: <ul style="list-style-type: none">● Cultura Afro-diaspórica;● O pós-abolição e a situação da população negra no Brasil● Resistência afro-brasileira a hegemonia do colonialismo europeu na sociedade brasileira;	Conteúdos Locais <ul style="list-style-type: none">● Formação do bairro Portão;● O rio Joanes e o Levante● Patrimônio material (museu Mãe Miriam)● Manifestações culturais de Portão (Bloco Bankoma)● Biografia de Altanira Maria Conceição Souza● Associação São Jorge Filho da Goméia

2ª PARTE: DADOS GERAIS DO ITINERÁRIO II

2ª PARTE: AS ETAPAS DE APLICAÇÃO DO ITINERÁRIO

ETAPA I: Introdução ao assunto e da atividade	ETAPA II: Saída de campo e trato dos dados
<p>1º. Abordar o tema “Portão, um bairro aberto à solidariedade e diversidade religiosa!” por meio do roteiro virtual do Google Earth, aproveitando para tratar intolerância religiosa a partir de casos reais com a intenção de diagnosticar o posicionamento da turma sobre o assunto. Os <i>conteúdos curriculares associados</i> listados na parte I do itinerário devem ser estudados à luz dos processos locais. (2 aulas de história)</p> <p>2º. Apresentar a proposta pedagógica de temática local do itinerário, justificando sua importância a partir de argumentos da decolonialidade já apontados no roteiro do GE; Organizar a turma em equipes, atribuindo-as os subtemas contidos na seção “<i>conteúdos locais</i>” na parte I do itinerário. (1 aula de história)</p> <p>3º Solicitar que as equipes realizem pesquisas na internet e elaborem perguntas a serem aplicadas na comunidade do bairro Portão de acordo com seu subtema. (atividade de contraturno)</p>	<p>1º Realizar saída de campo ao bairro de Portão após agendamento prévio com a direção da escola; (um turno)</p> <p>2º Visitar o Museu Mãe Miriam com a intenção de entender aspectos da religiosidade afro-brasileira e para capturar fotografias do acervo em 360º que serão usadas nos seus futuros roteiros. (durante a visita ao bairro de Portão)</p> <p>3º Entrevistar a comunidade com perguntas sobre cotidiano do bairro, religiosidade e ações coletivas. (durante a visita ao bairro de Portão)</p> <p>4º Organizar os dados no Google Docs para depois alimentar os roteiros no GE (atividade de contraturno)</p> <p>5º Sistematizar as ações comunitárias das entidades religiosas de Portão. (2 aulas de Sociologia)</p>

2ª PARTE: AS ETAPAS DE APLICAÇÃO DO ITINERÁRIO

ETAPA III: Aplicação das etapas da PDAHL	ETAPA IV: Produção de roteiro no GE
<p>1º Problematizar a intolerância religiosa para gerar debate com a seguinte questão: “Existem religiões do bem e do mal?” (2 aulas de filosofia)</p> <p>2º Disponibilizar fontes históricas imagéticas (fotografias antigas das ruas de Portão), de patrimônios ambientais (rio Joanes), de documentos oficiais - lei sobre intolerância religiosa, lei sobre a criação do Hospital Menandro de Farias (1 aula de história)</p> <p>3º. Analisar as fontes históricas selecionadas para encontrar evidências históricas, mediante indagações sobre seu conteúdo e quem as produziu; (1 aula de história)</p> <p>4º Elaborar novas narrativas sobre o bairro (1 aula de História e 2 aulas de Português)</p>	<p>1º Compartilhar o tutorial do Google Earth para elaborar projetos no programa; (contraturno)</p> <p>2º Elaborar o roteiro para a trilha a ser feita no GE considerando também as informações apreendidas ao longo do ano letivo com os <i>conteúdos curriculares associados</i>. (1 aula de história) + (contraturno)</p> <p>3º Confeccionar uma vitrine virtual no Google Earth (2 aulas de cada disciplina envolvida) + (contraturno e correção online dos professores)</p> <p>4º Divulgação dos roteiros sobre o bairro de Portão no Google Earth: convidar estudantes do 9º ano para apreciar a produção da turma sobre aspectos locais de uma área periférica da cidade. (2 aulas de história)</p>

3ª PARTE: ATIVIDADE DO ITINERÁRIO II

TAREFA DESAFIO

Elaborar um projeto de *Trilha Virtual* sobre Portão no Google Earth (GE), que exponha as características cotidianas, históricas, culturais e atuais desse bairro. A meta deste material é contemplar a cultura afro-diaspórica com o duplo objetivo de valorizar as ações de solidariedade e alertar para a problemática da intolerância religiosa. Sugerimos que proponham novos memoriais no bairro e nomenclaturas de ruas com base no que pesquisaram no bairro.

Essa Trilha Virtual será composta por cinco rotas diferentes sobre o bairro. Para isso, cada equipe da sala ficará responsável por elaborar uma narrativa no GE, seguindo um subtema ligado a Portão, indicado na seção “conteúdos locais” da 1ª parte do itinerário. Indicamos que os conteúdos gerais da disciplina história sejam tratados, mesmo que pontualmente, nesta produção final.

Por fim, os estudantes deverão fazer um pequeno evento de lançamento do material para socializar a Vitrine Virtual com as turmas do 9º ano. Esse evento será divulgado via convite na rádio e na rede social da escola, onde devem estar informações como: data, tema, local e link do material no GE.

4ª PARTE: AS TRÊS DIMENSÕES DO ITINERÁRIO II

<p>DIMENSÃO DECOLONIAL</p>	<p>A perspectiva decolonial aparece nesse itinerário através do conhecimento da biografia de Altanira Maria Conceição Souza, mulher negra, de atuação política no bairro e sacerdotisa do Candomblé.</p> <p>Ao tratar do Rio Joanes, é possível revelar acontecimentos ligados à resistência de povos africanos que foram escravizados na região hoje correspondente ao município de Lauro de Freitas. Um episódio que pode ser estudado é o Levante do Joanes, como uma sedição escrava armada e com forte presença de mulheres, que gerou prejuízos ao sistema escravocrata, através de destruição de instrumentos que integravam a produção econômica, e contestou a colonização de Portugal na América.</p> <p>A abordagem da cultura afro-diaspórica de Portão - expressa na Associação São Jorge Filho da Goméia, no Bloco Bankoma e no museu Mãe Mirinha - permite aos estudantes observarem uma base civilizatória africana, ao tempo em que os valores colonialistas são questionados como único padrão a ser seguido.</p>
<p>DIMENSÃO DIDÁTICA</p>	<p>A problematização sobre intolerância religiosa, a análise de fontes históricas e as entrevistas com os moradores de Portão constituem aspectos que podem ser trabalhados de acordo com as etapas PDAHL.</p> <p>O resultado dessa investigação feita pela turma, levará a construção de novas narrativas sobre o bairro, que integrarão as trilhas virtuais do GE. As referidas narrativas exigirão o domínio dos seguintes Conceitos de Segunda Ordem: <i>relato histórico</i> dos antigos moradores como base para apresentar a trajetória do bairro; e <i>tolerância</i> para evitar o julgamento dos aspectos culturais do lugar que sejam de outra matriz civilizatória.</p> <p>É importante lembrar que essa abordagem decolonial sobre Portão passa pelo trabalho ao longo do ano letivo com os seguintes Conceitos Substantivos: diáspora, cultura, identidade, resistência, escravidão, alteridade cultural.</p>
<p>DIMENSÃO DIGITAL</p>	<p>A dimensão digital figura através do emprego do Google Earth. O programa é aplicado em três momentos nesse itinerário. No primeiro momento, o professor expõe o roteiro que elaboramos sobre Portão para apresentar o tema aos estudantes. No segundo momento, os estudantes aprenderão a fazer projeto de autoria própria no software GE. No último momento, o programa será usado efetivamente para a confecção da Vitrine Virtual.</p>

ITINERÁRIO LETIVO III

Escravidão e Resistência:

o Quingoma
e a Luta Perene por Terra
Em Lauro de Freitas





Apresentação

Itinerário Letivo III

Esse itinerário tem a finalidade de avaliar como a escravidão moderna, ligada ao colonialismo europeu, provocou variadas reações dos povos africanos escravizados. A formação de quilombos é a estratégia de resistência escrava em foco, porque na periferia de Lauro de Freitas existe uma comunidade quilombola chamada de Quingoma. Esse território tradicional se formou no século XVI e foi certificado pela Fundação Palmares em 2013. A abordagem pedagógica sobre o Quingoma viabiliza perceber as experiências e estratégias construídas pelos povos africanos escravizados ao longo do tempo para sobreviver e perpetuar sua cultura.

Em virtude do Incra - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - não emitir o relatório que regulariza e assegura a posse da terra para essa comunidade, seus membros estão em constante luta contra a pressão de agentes do estado e da iniciativa privada para não perder parte da área, afetando as vivências afro-diaspóricas, hoje reconhecidas até pela monarquia de Ifé, cidade da Nigéria. O litígio entre o Quingoma e as construtoras constitui um tema emergente que pode impactar na criticidade acerca da concentração fundiária no Brasil.

ROTEIRO VIRTUAL DO ITINERÁRIO LETIVO III

TEMA: Quingoma: um reduto de vivências e resistências afro-diaspóricas

O município de Lauro de Freitas concentra algumas populações tradicionais, a exemplo de indígenas e pescadores artesanais. Há também uma comunidade remanescente quilombola - o Quingoma -, que guarda muitos sabres e manifestações de raiz africana.

Nesse roteiro virtual do Google Earth, vamos conhecer o referido espaço, apontando suas conexões com outros lugares do Brasil e até da África. Clique na imagem com link abaixo para vislumbrar uma rota de resistência que desperta para o estilo de vida dos descendentes de africanos no município!!!



1ª PARTE: DADOS GERAIS DO ITINERÁRIO III

Tema: Quingoma: o reduto de vivências e resistências afro-diaspóricas em Lauro de Freitas	Série: 8º ano
Habilidades da BNCC: (EF07HI11) Analisar a formação histórico-geográfica do território da América portuguesa por meio de mapas históricos. (EF09HI07) Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as pautas dos povos indígenas, no contexto republicano (até 1964), e das populações afrodescendentes. (EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas. (EF07HI12) Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial e étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática).	
Objetivo Geral: Analisar a história e desafios do Quingoma para manter seu território e vivências preservados.	
Objetivos Específicos: <ul style="list-style-type: none">● Explicar a formação do quilombo Quingoma no contexto das atividades econômicas coloniais no entorno da Freguesia de Santo Amaro de Ipitanga.● Expor roteiro virtual sobre o Quingoma no GE para uma primeira abordagem sobre o tema do itinerário;● Entrevistar moradores do Quingoma para entender as características sociais, políticas e econômicas de tal comunidade quilombola.● Analisar a lógica do tráfico de escravos à luz da lógica mercantil da Modernidade Européia.● Compreender o conceito de cultura afro-diaspórica, avaliando essa manifestação como uma reação de povos africanos escravizados ao colonialismo europeu.● Ser capaz de valorizar e reconhecer as estratégias de ressignificação e perpetuação da cultura afro-diaspórica no Quingoma.● Realizar uma visita ao quilombo Quingoma para capturar imagens em 360º destinado ao projeto no Google Earth;● Refletir sobre os desafios de posse e integração da área do Quingoma como resultado da concentração fundiária e especulação imobiliária no Brasil;● Conhecer a biografia e atuação da líder quilombola D. Ana Lúcia;● Confeccionar projeto mapeamento e proteção do Quingoma.	
Interdisciplinaridade: A parceria com a disciplina Geografia é válida para explicar o conceito de múltiplas economias e para auxiliar na interpretação de mapas locais. A Sociologia pode abordar as questões de vulnerabilidade social das comunidades quilombolas e o papel do Estado nessa situação. A matéria Português ajuda a orientar na elaboração de textos para o projeto final do Google Earth.	
Conteúdos Curriculares Associados: <ul style="list-style-type: none">● Economia Colonial Portuguesa na América;● Tráfico de Escravos● Resistência Africana à Escravidão- os quilombos;● Povos Africanos - iorubás● Cultura afro-diaspórica;● Lei de Terras de 1850 e o papel do INCRA	Conteúdos Locais: <ul style="list-style-type: none">● A formação do Quilombo Quingoma;● Economia local, cotidiano e relações sociais na comunidade Quingoma;● Os desafios enfrentados pelos quilombolas do Quingoma para a posse de terra e vida digna na área.

2ª PARTE: DADOS GERAIS DO ITINERÁRIO I

2ª PARTE: AS ETAPAS DE APLICAÇÃO DO ITINERÁRIO

ETAPA I: introdução do assunto e da atividade

1º. Abordar o tema “Quingoma: Um reduto de vivências e resistências afro-diaspóricas em Lauro de Freitas” por meio do roteiro virtual do Google Earth, aproveitando para explicar o conceito de quilombo e a formação do Quingoma, bem como diagnosticar o que a turma sabe sobre o assunto (2 aulas de história)

2º. Apresentar a proposta pedagógica de temática local, justificando sua importância a partir de argumentos da decolonialidade já apontados no roteiro virtual; Organizar a turma em equipes, atribuindo-as os subtemas contidos na seção “*conteúdos locais*” na parte I do itinerário. (1 aula de história)

3º Solicitar que as equipes realizem pesquisas na internet e elaborem perguntas a serem aplicadas à comunidade do Quingoma de acordo com seu subtema. (atividade de contraturno)

ETAPA II: saída de campo e trato dos dados

1º Realizar saída de campo aos bairros de Cají, Vida Nova e Quingoma após agendamento prévio com a direção da escola; (um turno)

2º Visitar o Quingoma com a intenção de entender suas vivências e desafios atuais, bem como para capturar fotografias do lugar em 360º/Street View, que serão usadas nos futuros roteiros do GE. (saída de campo)

3º Entrevistar a comunidade com perguntas sobre cotidiano, cultura afro-diaspórica e ações coletivas e políticas. (saída de campo)

4º Organizar os dados no Google Docs para depois alimentar os roteiros no GE. (atividade de contraturno)

5º Analisar os mapas da região quilombola e discutir formas diferenciadas de economia local (3 aulas de geografia)

2ª PARTE: AS ETAPAS DE APLICAÇÃO DO ITINERÁRIO

ETAPA III: aplicação das etapas da PDAHL

1º Problematizar o tema do itinerário para motivar a análise das fontes históricas disponíveis - fotografias antigas, história oral realizada na comunidade, notícias de jornais atuais - com a intenção de achar evidências históricas, mediante indagações relacionadas ao subtema específico de cada equipe; (2 aulas de história)

2º Exercitar a imaginação e a empatia histórica para elaborar explicações sobre a possível rotina dos primórdios do Quingoma e as dificuldades da comunidade hoje. (2 aulas de história)

4º Elaborar narrativas curtas sobre o Quingoma na atualidade. (2 aulas de Português)

ETAPA IV: produção de roteiro no GE

1º Compartilhar o tutorial do Google Earth para elaborar projetos no programa; (contraturno)

2º Elaborar partes da trilha a ser feita no GE, enfatizando o papel do Estado na proteção da comunidade contra interesses especulativos (1 aula de filosofia + 1 aula de sociologia)

3º Confeccionar um Projeto de Mapeamento Patrimonial e de Proteção do Quingoma no Google Earth (2 aulas de cada disciplina envolvida) + (contraturno e correção online dos professores)

4º Divulgação do material produzido pela turma no Google Earth. convidar as turmas do nono ano para socialização e apreciação. (uma manhã a combinar com a coordenação)

3º PARTE: ATIVIDADES DO ITINERÁRIO III

TAREFA DESAFIO

Elaborar um Projeto de Mapeamento Patrimonial e Proteção do Quingoma no Google Earth (GE), que contemple as características cotidianas, históricas, culturais e atuais dessa comunidade quilombola. A meta deste material é sensibilizar a população de Lauro de Freitas sobre a importância de tal espaço da cidade como um reduto das vivências afro-diaspóricas e, que, por isso, necessita do reconhecimento do INCRA sobre suas configurações territoriais, bem como da proteção das autoridades competentes.

Essa produção será composta por quatro trilhas diferentes sobre o Quingoma. Para tanto, cada equipe da sala ficará responsável por um subtema ligado ao referido lugar, que deverá ser conectado ainda aos conteúdos gerais da disciplina história.

Por fim, os estudantes deverão fazer um pequeno evento de lançamento do material para socializar junto às turmas do 9º ano. Esse evento será divulgado via convite na rede social e na rádio da escola, onde devem estar informações como: data, tema, local e link do material no GE.

4ª PARTE: AS TRÊS DIMENSÕES DO ITINERÁRIO III

DIMENSÃO DECOLONIAL	<p>A perspectiva decolonial aparece nesse itinerário através do conhecimento e da atuação política da líder quilombola D. Ana Lucia de Altanira Maria Conceição Souza, visando o reconhecimento, preservação e proteção do Quingoma.</p> <p>A abordagem das vivências na comunidade remanescente quilombola do Quingoma – economia, religiosidade, organização social, representação política, manifestações culturais – permite aos estudantes observarem uma base civilizatória africana, ao tempo em que os valores colonialistas são questionados como único padrão a ser seguido.</p>
DIMENSÃO DIDÁTICA	<p>A problematização sobre as vivências e desafios do Quingoma, a análise de fontes históricas e as entrevistas com os moradores de Portão constituem aspectos que podem ser trabalhados de acordo com a PDAHL.</p> <p>O resultado dessa investigação feita pela turma, levará a construção de novas narrativas sobre o Quingoma, que integrarão as trilhas virtuais do GE. As referidas narrativas exigirão o domínio dos seguintes Conceitos de Segunda Ordem: imaginação histórica para explicar o passado da comunidade e empatia para elaborar uma escrita que chame atenção e sensibilize o leitor quanto aos problemas e perigos enfrentados pelos quilombolas no presente. Cabe frisar que essa abordagem decolonial sobre Portão passa pelo trabalho ao longo do ano letivo com os seguintes Conceitos Substantivos: diáspora, tráfico humano, resistência, trabalho compulsório, economia, especulação financeira, concentração fundiária.</p>
DIMENSÃO DIGITAL	<p>A dimensão digital figura através do emprego do Google Earth. O programa é empregado em três momentos nesse itinerário. No primeiro momento, o professor expõe roteiro que elaboramos sobre os bairros de Vida Nova, Cají e Quingoma para apresentar o tema local à turma. No segundo momento, os estudantes aprenderão a fazer projeto de autoria própria no software GE. Por fim, o programa vai ser usado efetivamente para a confecção do Projeto de Mapeamento e Proteção do Quingoma.</p>

ITINERÁRIO LETIVO IV

Memória, Identidade e
Cidadania:

Itinga entre a Emancipação,
Os Limites Territoriais
e a Urbanização
de Lauro de Freitas





Apresentação

Itinerário Letivo IV

Esse itinerário se propõe a refletir sobre Itinga, maior bairro de Lauro de Freitas. Contemplando tal área periférica é possível analisar as transformações urbanas e questões ligadas aos limites territoriais de Lauro de Freitas, após sua emancipação, visto que existe interesse de Salvador em incorporar parte do bairro aos seus domínios administrativos. Essa ameaça, ainda ao sabor das decisões da Assembléia Legislativa da Bahia, estimulou a formação de um movimento social local chamado "Itinga pertence a Lauro" que além de pressionar as autoridades, têm mostrado à comunidade que a trajetória,

costumes cotidianos, eventos anuais e patrimônios materiais, a exemplo do Largo do Caranguejo, são características do bairro que fazem parte da identidade laurofreitense. A abordagem didática sobre Itinga é uma forma, portanto, de proporcionar aos estudantes o conhecimento do seu entorno para valorizá-lo e, ao mesmo tempo, a consciência cidadã para cobrar da prefeitura intervenções que concedam condições de vida dignas aos seus moradores.

ROTEIRO VIRTUAL DO ITINERÁRIO LETIVO IV

TEMA: NO MAPA DE LAURO, ITINGA É A MAIOR PARTE

Lauro de Freitas se emancipou em 1962, porém não conseguiu manter em sua área o aeródromo – hoje circunscrito na capital baiana. Os laurofreitenses correm o risco de perder parte do seu maior bairro – Itinga – para Salvador. Mas, o que há nesse bairro que desperta interesse da cidade vizinha? O que a formação, trajetória, cotidiano e as manifestações culturais de Itinga apontam sobre essa disputa municipal? Para encontrar pistas sobre essas questões, passeie pelo roteiro virtual do Google Earth, clicando na imagem com link abaixo!!!



1ª PARTE : DADOS GERAIS DO ITINERÁRIO IV

Tema: No Mapa de Lauro, a maior área é de Itinga.	Série: 9º ano
Habilidades da BNCC: (EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive. (EF07HI12) Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial e étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática). (EF06HI01) Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas).	
Objetivo Geral: Estimular nos estudantes o envolvimento com as questões relacionadas a Itinga, através do conhecimento do passado e das características atuais do bairro onde vivem.	
<p>Objetivos Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none">● Expor roteiro virtual no GE sobre o bairro Itinga para uma primeira abordagem sobre o tema;● Compreender o bairro Itinga através do conhecimento histórico e de suas características atuais;● Ser capaz de identificar e pleitear melhorias no bairro;● Confeccionar projeto no Google Earth que estimule o turismo comunitário em Itinga;● Conhecer a biografia de personagens considerados fundadores do bairro● Analisar as áreas do bairro em disputa entre Lauro de Freitas e Salvador e os interesses envolvidos nesse litígio;● Entender o movimento “Itinga pertence a Lauro de Freitas”;● Reconhecer as lideranças comunitárias de Itinga suas ações junto às autoridades;● Entrevistar moradores de Itinga para entender quais suas críticas e elogios sobre seu bairro;● Relacionar o aumento populacional do bairro às transformações de modernização da Região Metropolitana de Salvador;● Valorizar o bairro Itinga através do conhecimento do seu patrimônio material e de suas manifestações culturais;● Refletir sobre a conjuntura local que levou às alterações territoriais em Lauro de Freitas.	
Interdisciplinaridade: A parceria com a disciplina Geografia é válida para auxiliar na interpretação dos mapas locais alterados, limites e tratados territoriais, e, por fim, na explicação da modernização da Região Metropolitana de Salvador. A Filosofia e a Sociologia podem abordar os problemas do bairro que afetam seus moradores, levando a reflexão do papel dos líderes comunitários e do Estado para solucionar tais questões. A matéria Português ajuda a orientar na elaboração de textos para o projeto final do Google Earth.	
<p>Conteúdos Curriculares Associados:</p> <ul style="list-style-type: none">● Pós-abolição e população afro-brasileira● Segunda Guerra Mundial● Governos Militares no Brasil● Redemocratização no Brasil● Brasil nas décadas de 1990 e 2000	<p>Conteúdos Locais:</p> <ul style="list-style-type: none">● Patrimônio material (Monumento Caranguejo)● Manifestações culturais e serviços em Itinga● Biografia de Sr. Caranguejo● Histórico do bairro de Itinga● Emancipação de Lauro de Freitas e mudanças nas configurações territoriais da cidade.

2ª PARTE: O PERCURSO DIDÁTICO DO ITINERÁRIO IV

TRABALHANDO COM O ITINERÁRIO EM 4 UNIDADES LETIVAS

ETAPA I: introdução do assunto e da atividade	ETAPA II: saída de campo e trato dos dados
<p>1º. Abordar o tema por meio do roteiro virtual do Google Earth, aproveitando diagnosticar o que a turma sabe sobre o assunto (2 aulas de história)</p> <p>2º. Apresentar a proposta pedagógica de temática local, justificando sua importância a partir de argumentos da decolonialidade já apontados no roteiro virtual - neste caso, uma identidade periférica. Organizar a turma em equipes, atribuindo-as os subtemas contidos na seção “<i>conteúdos locais</i>” na parte I do itinerário. (1 aula de história)</p> <p>3º Solicitar que as equipes realizem pesquisas na internet e elaborem perguntas a serem aplicadas aos moradores de Itinga de acordo com seu subtema. (atividade de contraturno)</p>	<p>1º Realizar saída de campo pelo bairro de Itinga, após agendamento com a direção da escola; (um turno)</p> <p>2º Visitar o Largo do Caranguejo com a intenção de entender como funciona o comércio local e a programação cultural na região. Visitar alguns conjuntos habitacionais e a represa do rio Joanes para capturar fotografias do lugar em que serão usadas nos futuros roteiros do GE. (durante a saída de campo)</p> <p>3º Entrevistar a comunidade com perguntas sobre cotidiano, cultura e ações coletivas. (durante a saída de campo).</p> <p>4º Analisar os mapas do bairro e discutir formas diferenciadas de economia local (3 aulas de geografia)</p>

TRABALHANDO COM O ITINERÁRIO EM 4 UNIDADES LETIVAS

ETAPA III: aplicação das etapas da PDAHL	ETAPA IV: produção de roteiro no GE
<p>1º Problematizar o tema do itinerário para motivar a análise das fontes históricas disponíveis - fotografias antigas, história oral realizada na comunidade, notícias de jornais atuais - com a intenção de achar evidências históricas, mediante indagações relacionadas ao subtema específico de cada equipe - conteúdos locais, 1º parte do itinerário; (2 aulas de história)</p> <p>2º Exercitar a imaginação e a empatia histórica para elaborar explicações sobre a possível rotina dos primórdios do bairro e as dificuldades da comunidade hoje. (2 aulas de história)</p> <p>3º Elaborar narrativas curtas sobre Itinga na atualidade. (2 aulas de Português)</p>	<p>1º Compartilhar o tutorial do Google Earth para elaborar projetos no programa; (contraturno)</p> <p>2º Elaborar o roteiro para a trilha a ser feita no GE, enfatizando o caráter de propaganda do bairro para estimular o turismo comunitário (1 aula de filosofia + 1 aula de sociologia)</p> <p>3º Confeccionar Projeto de Turismo Comunitário de Itinga no Google Earth (2 aulas de cada disciplina envolvida) + (contraturno e correção online dos professores)</p> <p>4º Divulgação dos roteiros sobre o bairro de Itinga no Google Earth: socialização nas turmas (uma manhã a combinar com a coordenação)</p>

3ª PARTE: ATIVIDADES DO ITINERÁRIO IV

TAREFA DESAFIO

Elaborar um Projeto de Turismo Comunitário para o bairro Itinga no Google Earth, que divulgue o calendário de festas comunitárias - encontro juvenis, lavagem do largo do caranguejo; carnaval e o bloco Nagazumbi - eventos políticos - debates, audiência pública, atendimento do setor público ao moradores, encontro com vereadores e líderes comunitários - serviços e produtos ofertados pelo comércio local - vestuário, alimentação, higienização, estética, saúde, bancos, cursos, telecomunicação etc.

Essa produção será composta por quatro trilhas diferentes sobre Itinga. Para tanto, cada equipe da sala ficará responsável por um subtema ligado ao referido lugar - a fundação do bairro e suas transformações, economia local, eventos culturais, serviços públicos necessários - que deverá ser conectado aos conteúdos gerais das disciplinas envolvidas.

Por fim, sugerimos que os estudantes façam um pequeno evento virtual no Google Meet com pessoas do entorno da EMMA para o lançamento do Projeto de Turismo Comunitário. Esse evento será divulgado via convite na rede social, onde devem estar informações como: data, tema, local e link da sala virtual.

4ª PARTE: AS TRÊS DIMENSÕES DOS ROTEIROS DO ITINERÁRIO IV

DIMENSÃO DECOLONIAL	<p>A perspectiva decolonial aparece nesse itinerário através das biografias de dois homens comuns, considerados os fundadores do bairro: Firmino Teodósio dos Santos e Antônio Pereira dos Santos. Analisar e refletir a dinâmica da do bairro, permite aos estudantes vislumbrar a periferia como uma área da cidade repleta de potencialidades culturais e desafios a serem superados pelos moradores mediante atuação politizada.</p>
DIMENSÃO DIDÁTICA	<p>A problematização sobre a configuração territorial e identidade do bairro, a análise de fontes históricas e as entrevistas com os moradores de Itinga constituem aspectos que podem ser trabalhados de acordo com a PDAHL.</p> <p>O resultado dessa investigação feita pela turma, levará a construção de novas narrativas sobre Itinga, que integrarão as trilhas virtuais do GE. As referidas narrativas exigirão o domínio dos seguintes Conceitos de Segunda Ordem: imaginação histórica e explicação histórica para abordar a trajetória do bairro; e empatia para elaborar uma escrita que valorize a cultura periférica e sensibilize o público para os problemas cotidianos enfrentados pelos moradores de Itinga. Cabe frisar que essa abordagem decolonial sobre Itinga passa pelo trabalho ao longo do ano letivo com os seguintes Conceitos Substantivos: periferia, mapeamento, autonomia, limite territorial, propaganda, turismo, política e economia comunitárias.</p>
DIMENSÃO DIGITAL	<p>A dimensão digital figura através do emprego do Google Earth. O programa é empregado em três momentos nesse itinerário. No primeiro momento, o professor expõe o roteiro que elaboramos sobre Itinga para apresentar o tema local à turma. No segundo momento, os estudantes aprenderão a fazer projeto de autoria própria no software GE. Por fim, o programa vai ser usado efetivamente para a confecção do Projeto de Turismo Comunitário para o bairro de Itinga.</p>

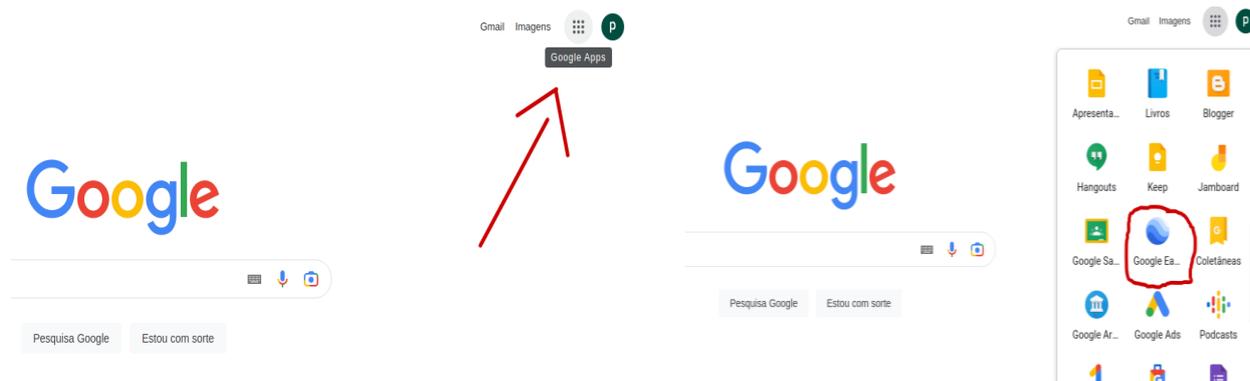


Tutoriais
GOOGLE
EARTH

www.earth.google.com

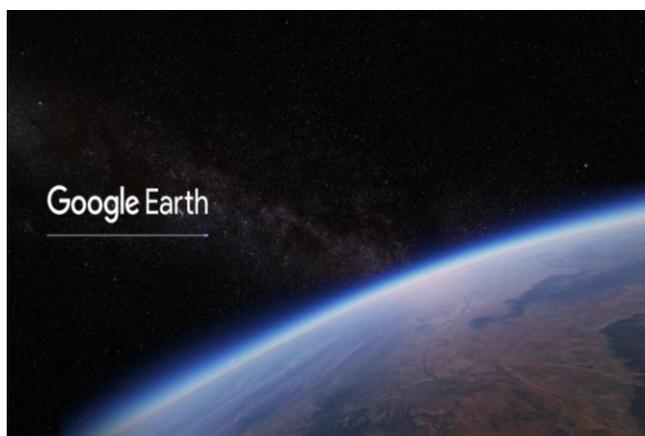
TUTORIAL PARA EXPLORAR O GOOGLE EARTH

Mesmo depois de vinte anos de lançado, o Google Earth ainda é pouco conhecido e usado, especialmente no sistema educacional. Diante de tal realidade, confeccionamos esse guia para apresentar as ferramentas do GE, bem como seus acervos. Se esse é o seu caso sobre o referido programa do “Gigante das Buscas” e, ainda assim, está interessado em inseri-lo em suas aulas, não se preocupe! É só seguir o passo-a-passo abaixo.

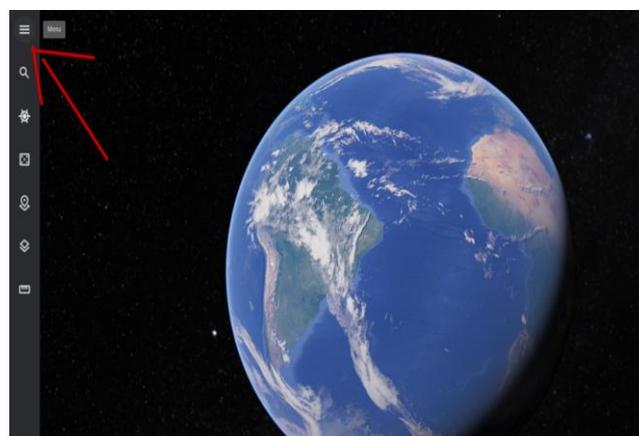


1. Faça seu login na conta Google. No canto direito de sua tela do site, acesse o menu do Google APPS.

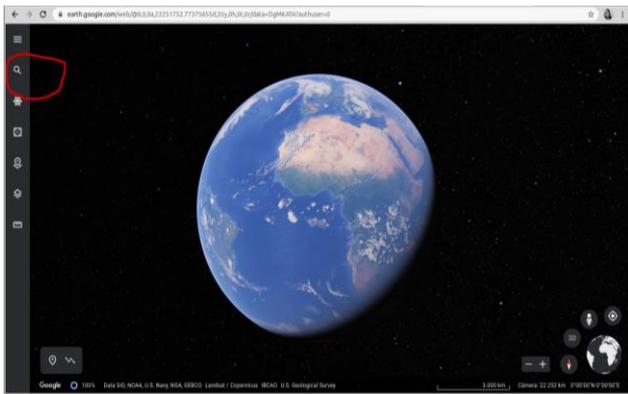
2. Procure o Google Earth no menu dos Google APPS.



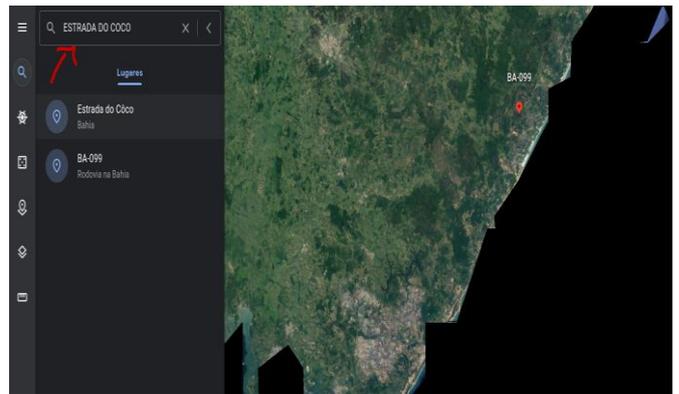
3. Abra o programa Google Earth



4. Procure seu menu na lateral esquerda



5. No menu, clique em Pesquisar para explorar qualquer lugar



É só digitar o nome do lugar na barra e para ver a área desejada.



6. Ao optar por uma caminhada nas ruas do lugar pesquisado, é só clicar no ícone do boneco.



7. Os espaços ficarão em azul e num clique serão visualizados em street view (3D).



8. No menu, clique no ícone do timão para acessar o Google Earth como viajante.



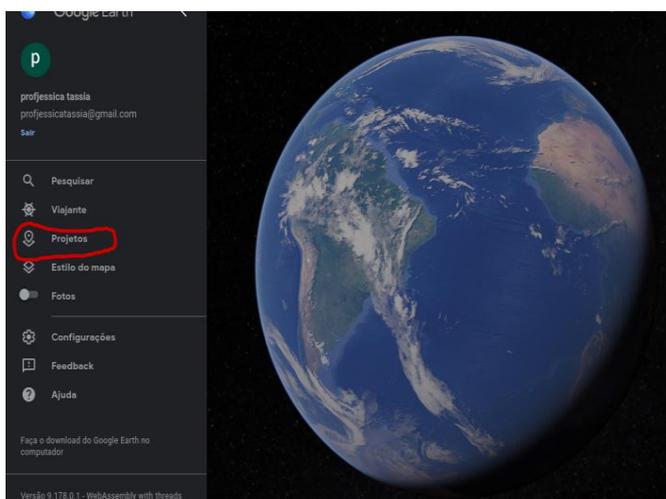
9. São muitos roteiros de viagens por várias áreas do mundo.



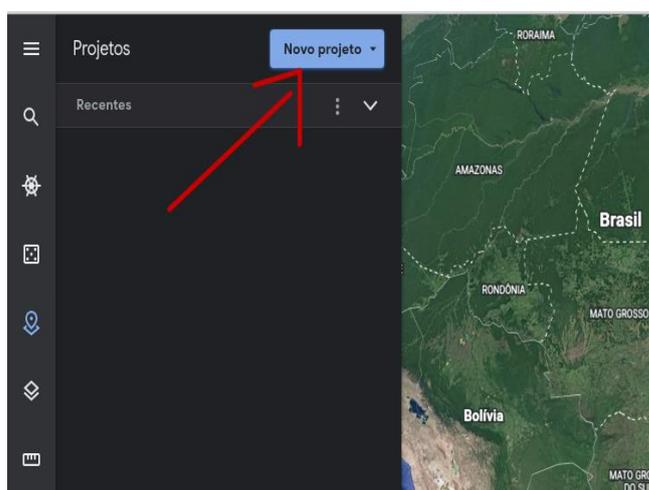
10. No terceiro ícone do menu, chamado *estou com sorte*, você clica e o programa é direcionado para algum local pouco conhecido.



11. Uma vez reportado a esse espaço desconhecido, você pode explorar com as ferramentas de 3D ou street view.



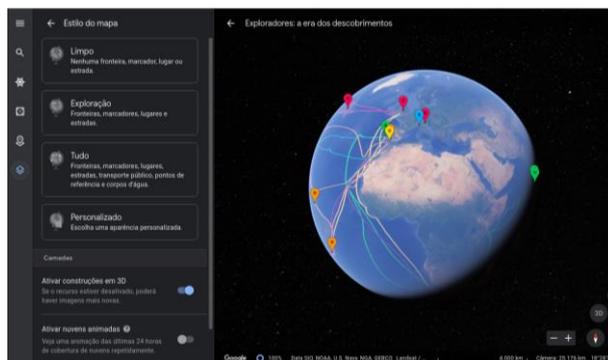
12. ícone para criar projeto



13. Abrir um novo projeto.



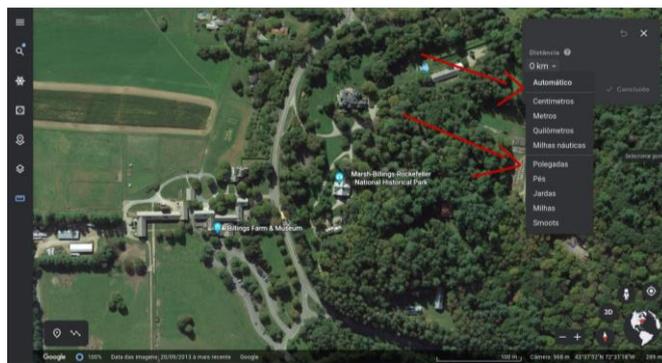
14. Nesse ícone, é possível escolher o estilo do mapa do programa.



15. O mapa pode aparecer com marcadores, fronteiras, nuvens. Basta personalizar.



15. Ícone para medir distância entre locais no mapa



16. É possível medir a distância em várias unidades.

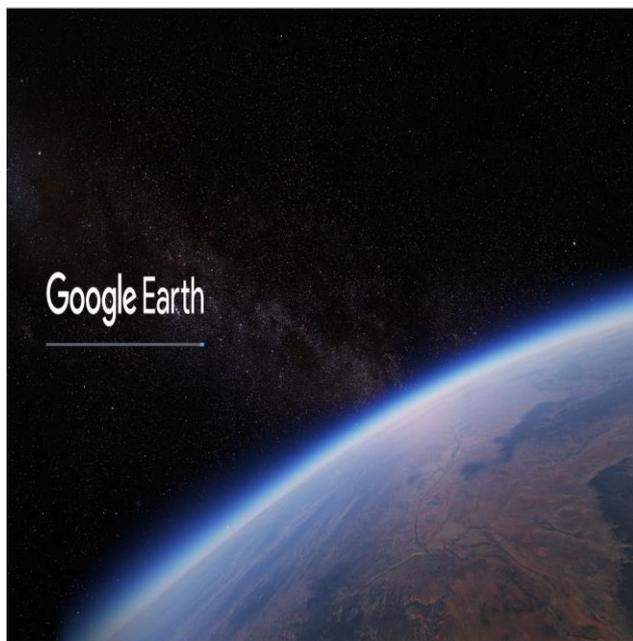


17. Os acervos do Google Earth estão no menu viajante. Neste espaço, é possível encontrar diversos roteiros agrupados nas categorias: natureza, jogos, educação, cultura etc.

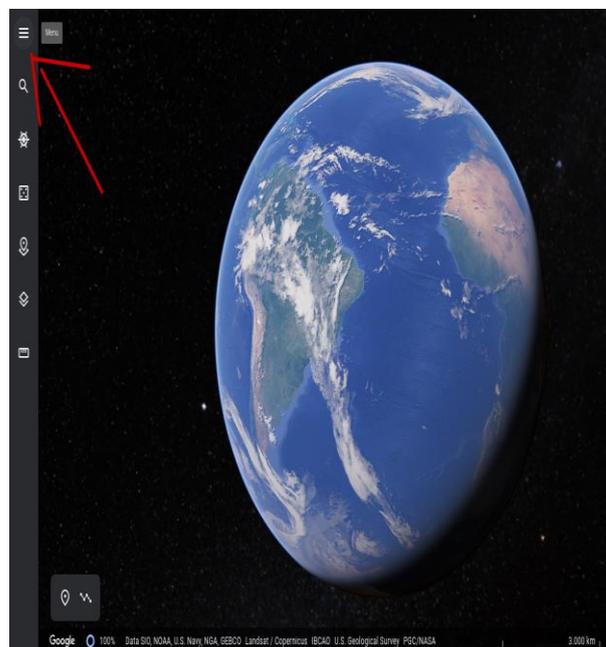
TUTORIAL PARA CONFEÇÃO DE PROJETO NO GOOGLE EARTH

Para produzir projetos guiados de espaços não contemplados nos acervos do Google Earth, segue um tutorial que orienta na elaboração de projeto particular. Esse pequeno manual também pode ser útil para ensinar os estudantes na confecção de esboços próprios e na realização de atividades afins, executáveis em tal plataforma digital. Esse receituário não é curto, porque fomos detalhistas nas orientações para explorar cada ferramenta do GE. Por favor, não pense, com isso, que é complexo transformar esses comandos no produto que pretende criar.

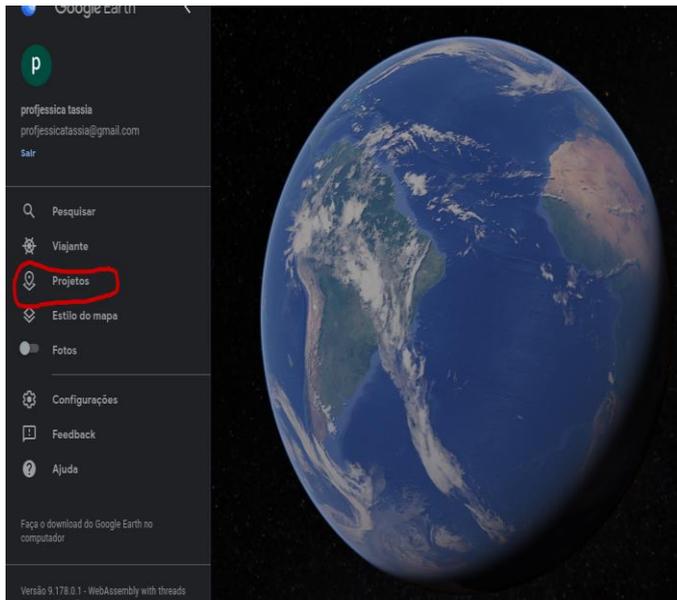
1. CRIANDO UM PROJETO NO GOOGLE EARTH



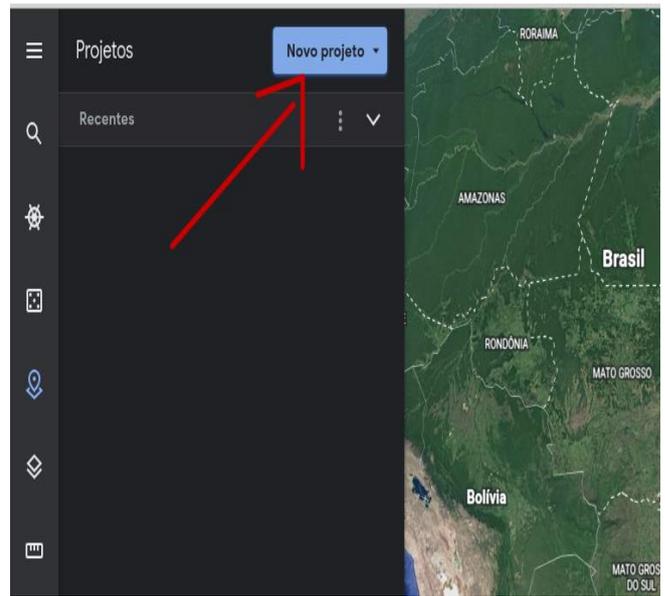
3. Abra o programa Google Earth



4. Com o programa Google Earth aberto, procure seu menu na lateral esquerda

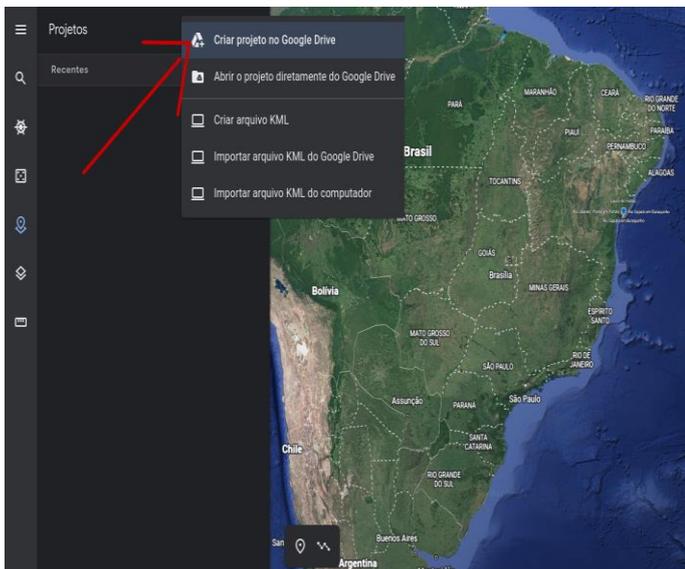


5. No menu, clique em Projeto

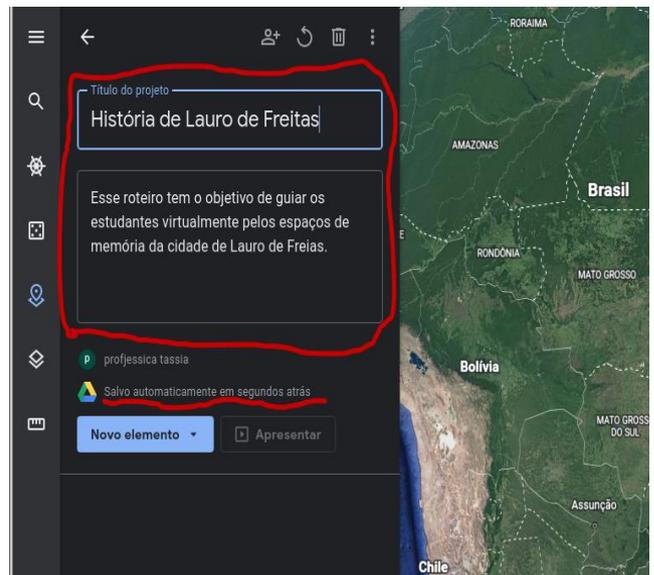


6. Abra um Novo projeto

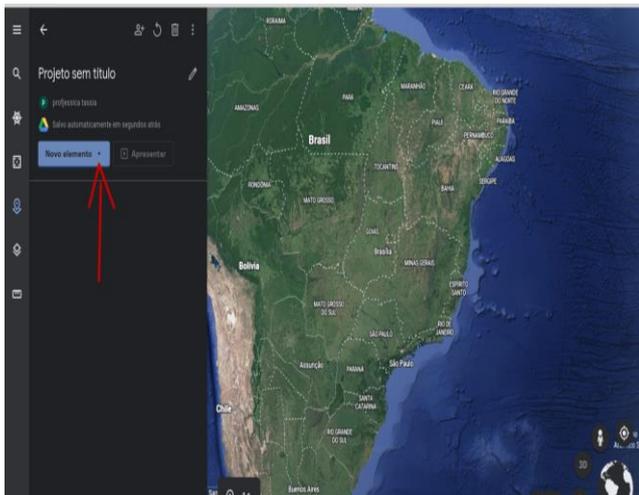
2. COMO FAZER INSERIR TÍTULO, DESCRIÇÃO DO PROJETO E ESCOLHER AS AÇÕES



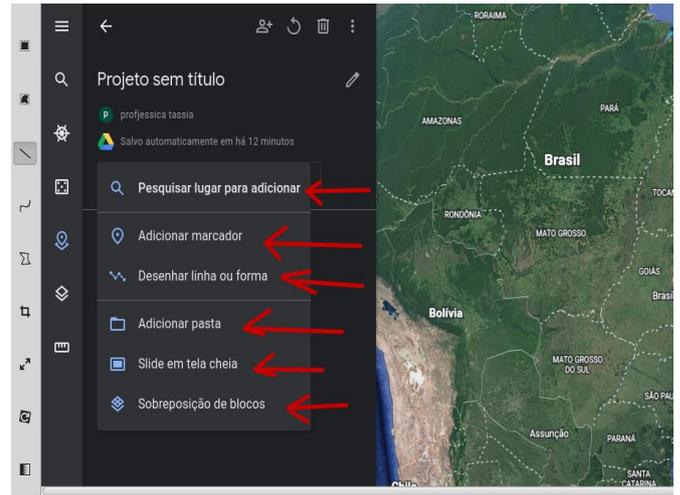
7. Clique em Criar Projeto no Google Drive



8. Use o lápis para editar e criar o título e uma descrição do seu projeto. Cada alteração é salva automaticamente no seu Google Drive, desde que esteja conectada à internet.

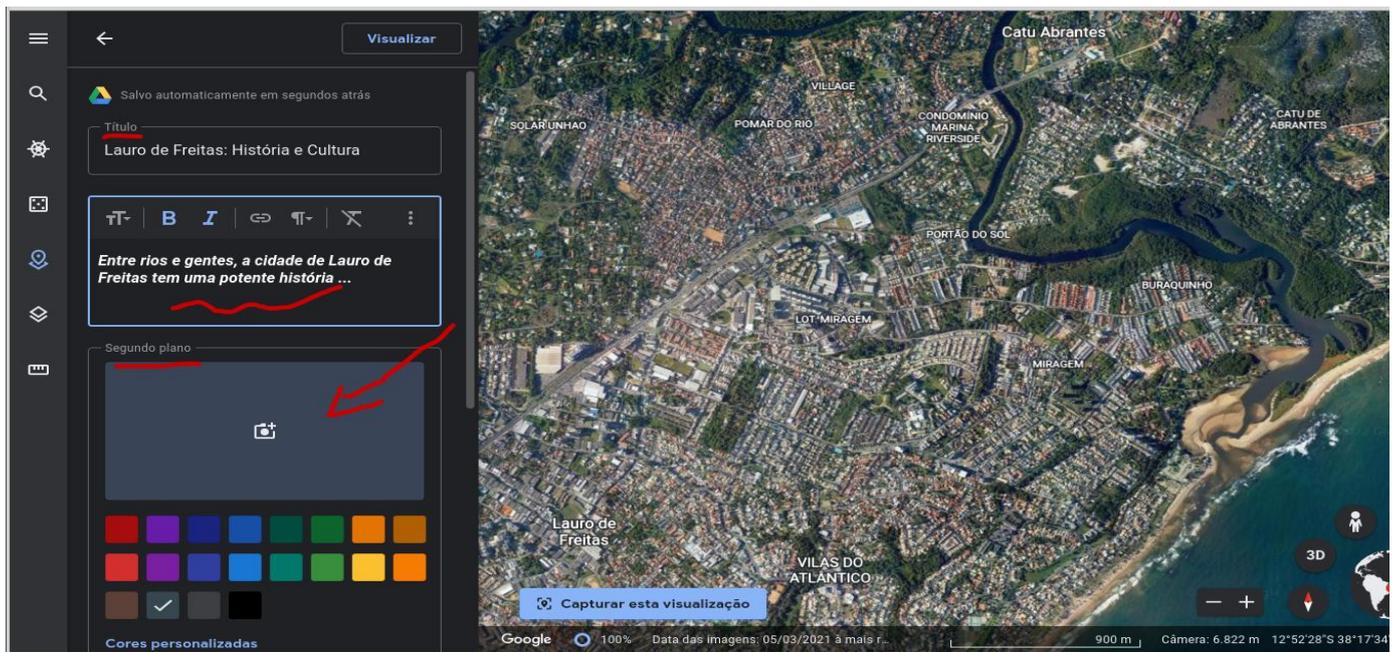


9. É hora de construir o roteiro, Clicando em Novo Elemento. Para cada nova etapa que queira construir do seu projeto, é preciso ir em NOVO ELEMENTO.

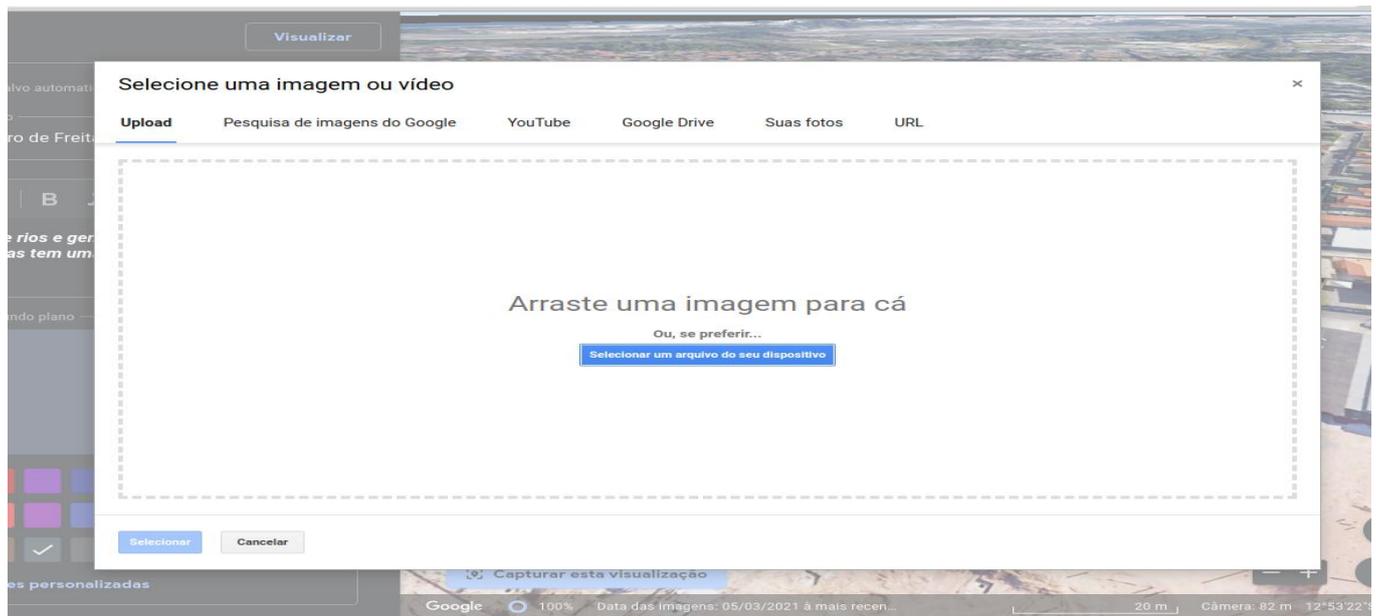


10. Escolha no menu o tipo de ação de acordo com o que pretende mostrar na abertura do projeto.

3. COMO ADICIONAR CAIXA DE INFORMAÇÕES, TÍTULO, DESCRIÇÃO DO LOCAL E ARQUIVOS COMO FOTO, VÍDEO, LINK ETC.



11. Para inserir arquivos como fotos, vídeos e links, basta clicar no ícone da máquina fotográfica.

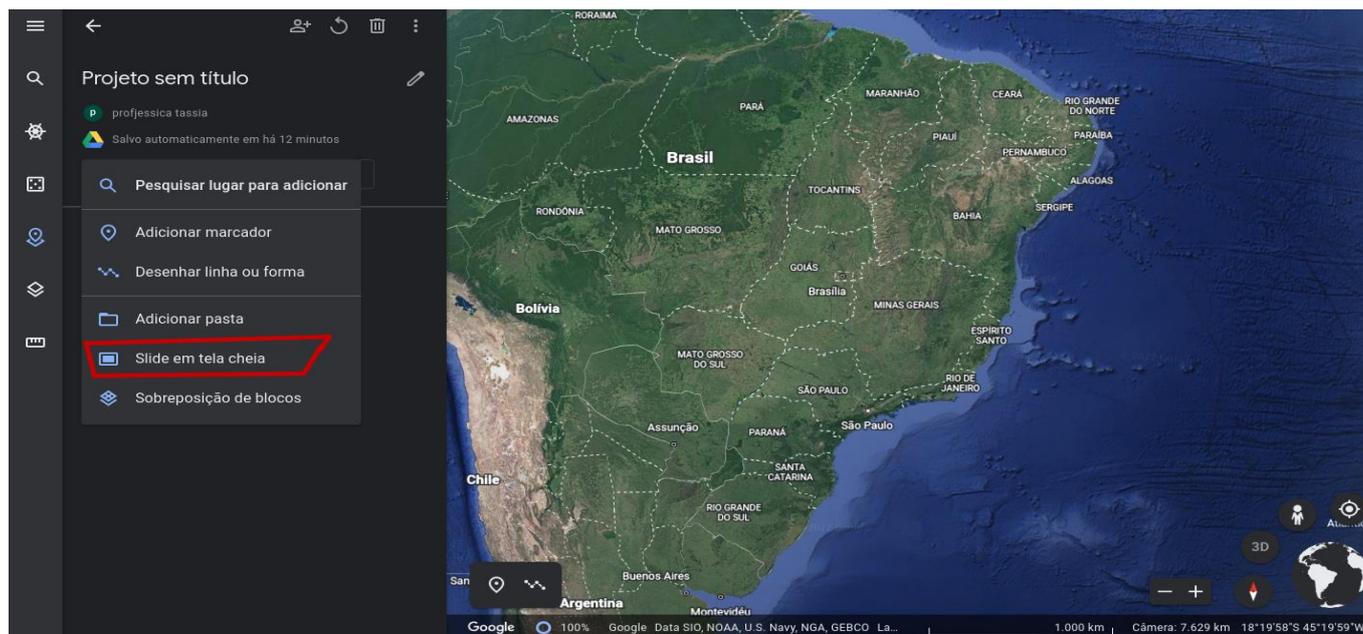


12. Depois é só escolher de onde irá anexar o(s) arquivo(s) desejado(s).



13. O arquivo selecionado ficará como destaque para enriquecer cada etapa do roteiro construído. É possível acrescentar vários arquivos e passar na seta ao lado. Além de introduzir título e texto.

4. COMO ADICIONAR UM SLIDE PARA A CAPA DO PROJETO

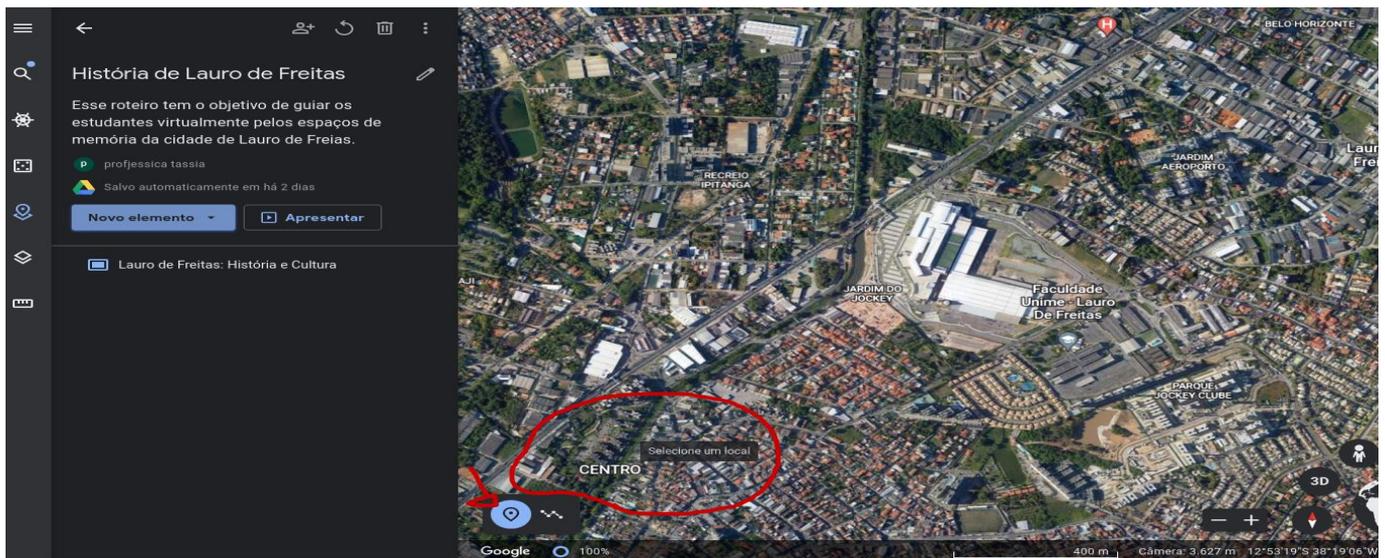


14. Em novo elemento, selecione Slide em tela cheia.

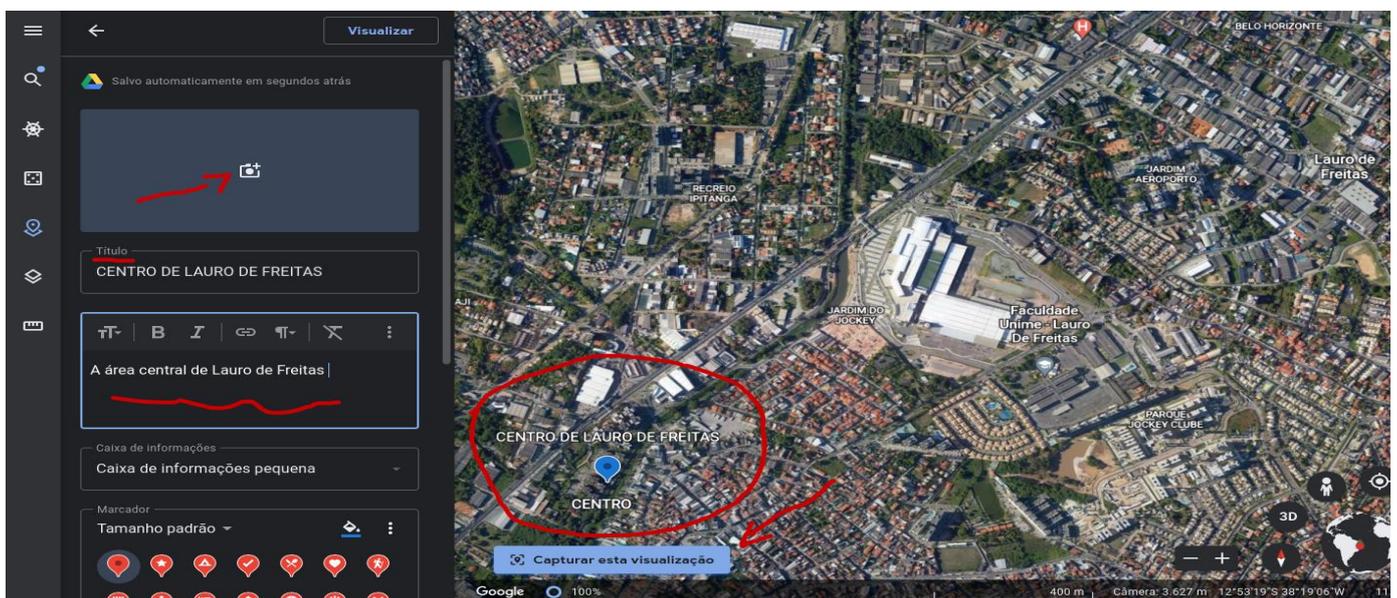


15. Sugestão que na primeira ação, seja escolhido SLIDE EM TELA CHEIA para inserir título e subtítulo, como se fosse uma capa do projeto. A cor da tela pode ser alterada e também é possível inserir uma imagem como plano de fundo do slide.

5. COMO ADICIONAR MARCADOR DE LUGAR NO MAPA



16. Se quiser marcar alguma localidade, basta clicar em inserir marcador após pesquisar o espaço desejado e com o cursor em formato de cruz na tela apertar enter.

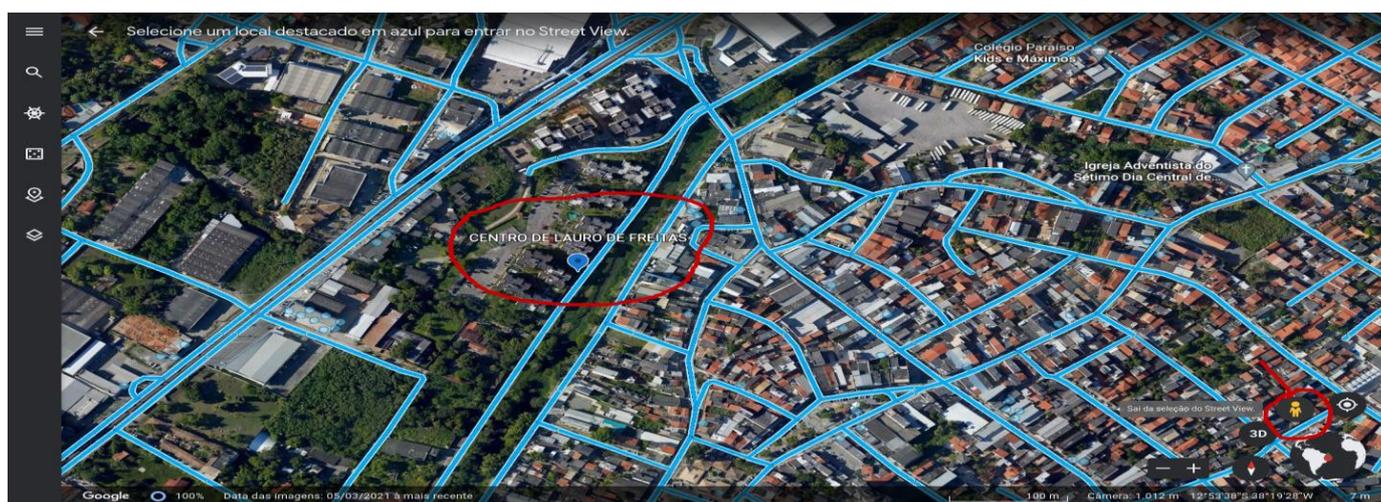


17. Depois, é só nomear o lugar, fazer a descrição desejada e até inserir fotos e vídeos para complementar essa etapa com mais informações. Não esqueça de clicar em CAPTURAR VISUALIZAÇÃO para salvar essa imagem área de satélite.



18. Na apresentação do projeto, o efeito é de imagem de área de satélite e uma caixa, que pode ser pequena ou grande, com fotos e outros arquivos - tais como vídeo, links de sites - que fornecem informações do lugar em destaque.

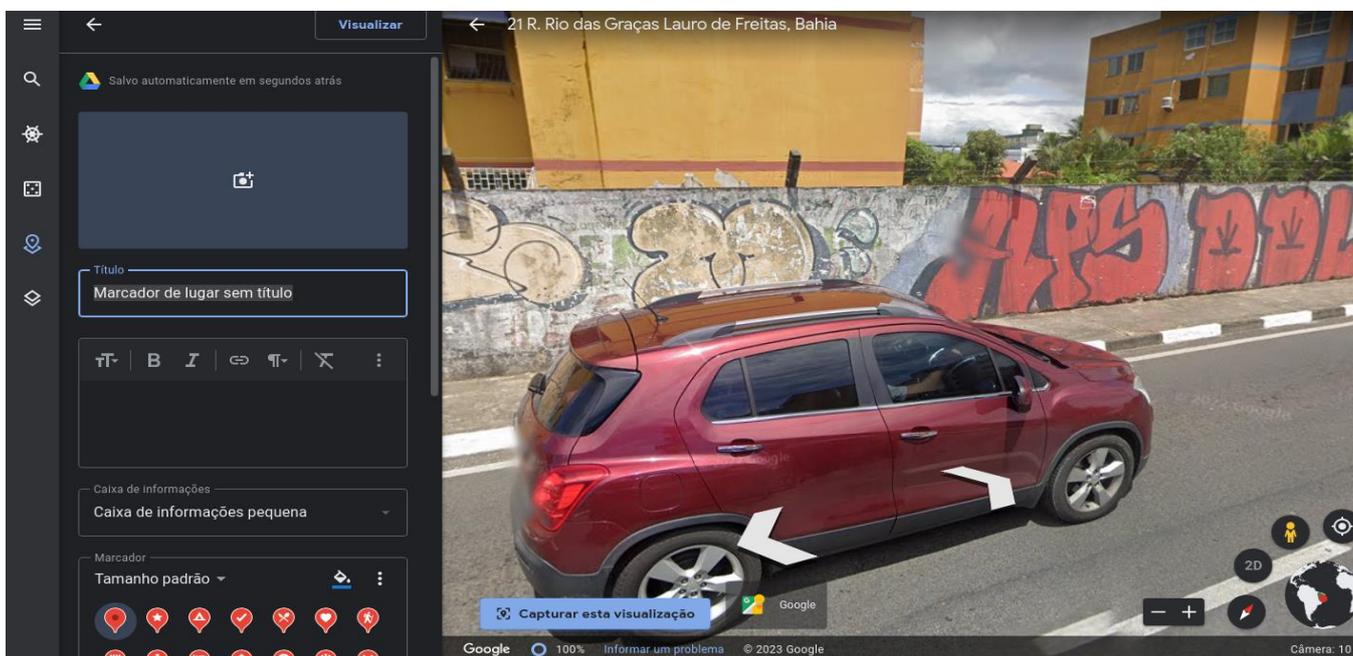
6. COMO ADICIONAR A VISUALIZAÇÃO COM TECNOLOGIA DO STREET VIEW



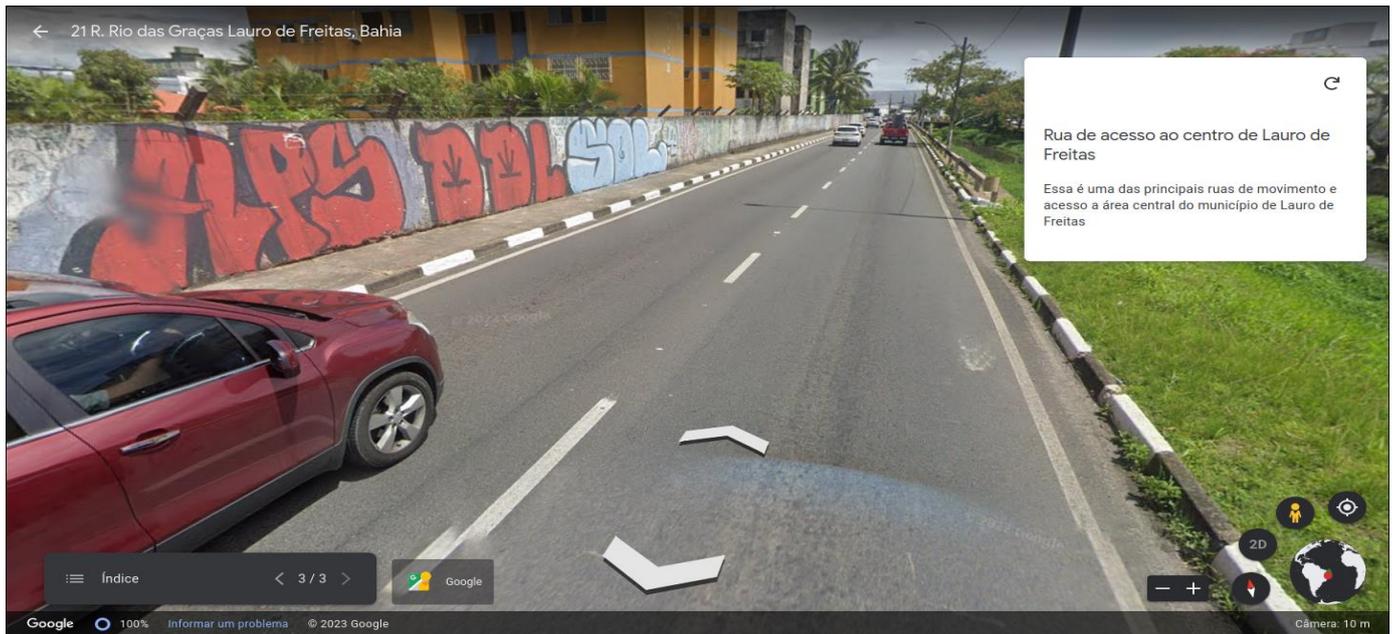
19. Se quiser mostrar a rua com a tecnologia do Street View e o efeito de caminhada, é só clicar no ícone do boneco e na área azul, selecionar o lugar e salvar.



20. Uma vez na rua desejada, clique no ícone na parte inferior à esquerda e salve o street view, o que permitirá seguir pelas setas para as áreas próximas.

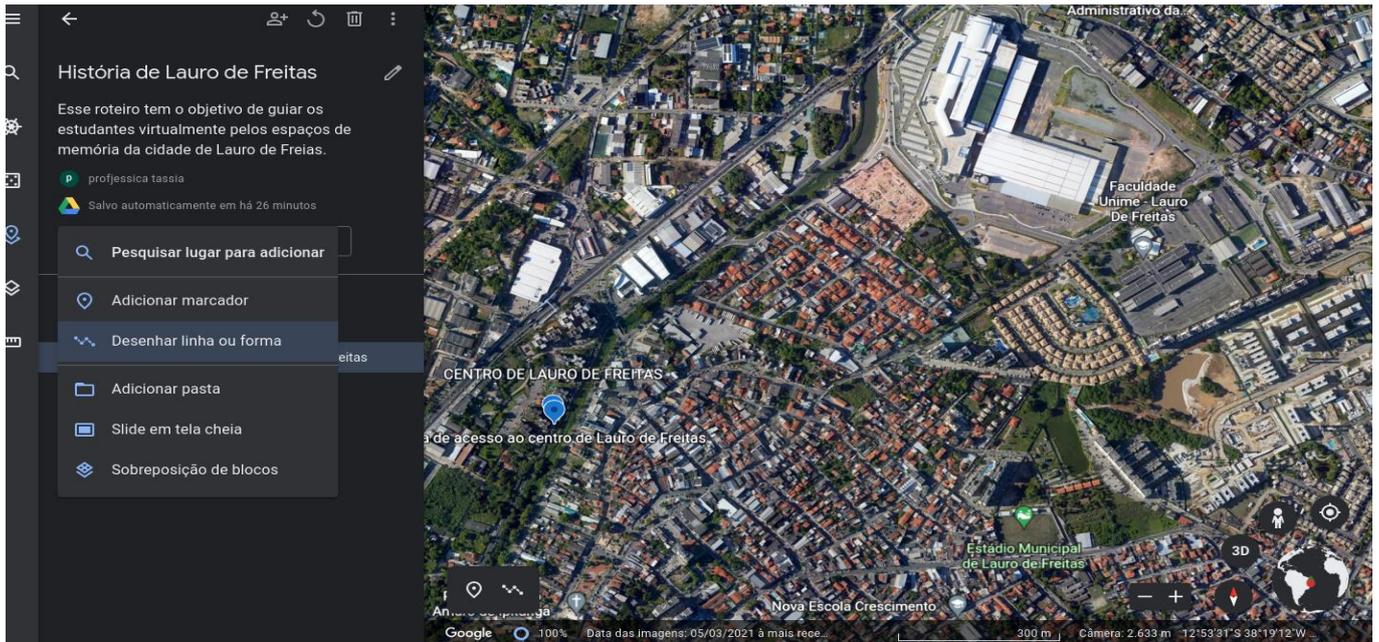


21. Se quiser, ainda pode inserir uma caixa de informações e outros arquivos, usando os mesmos passos explicados anteriormente. É importante sempre clicar em CAPTURAR ESSA VISUALIZAÇÃO para deixar salvo o street view.

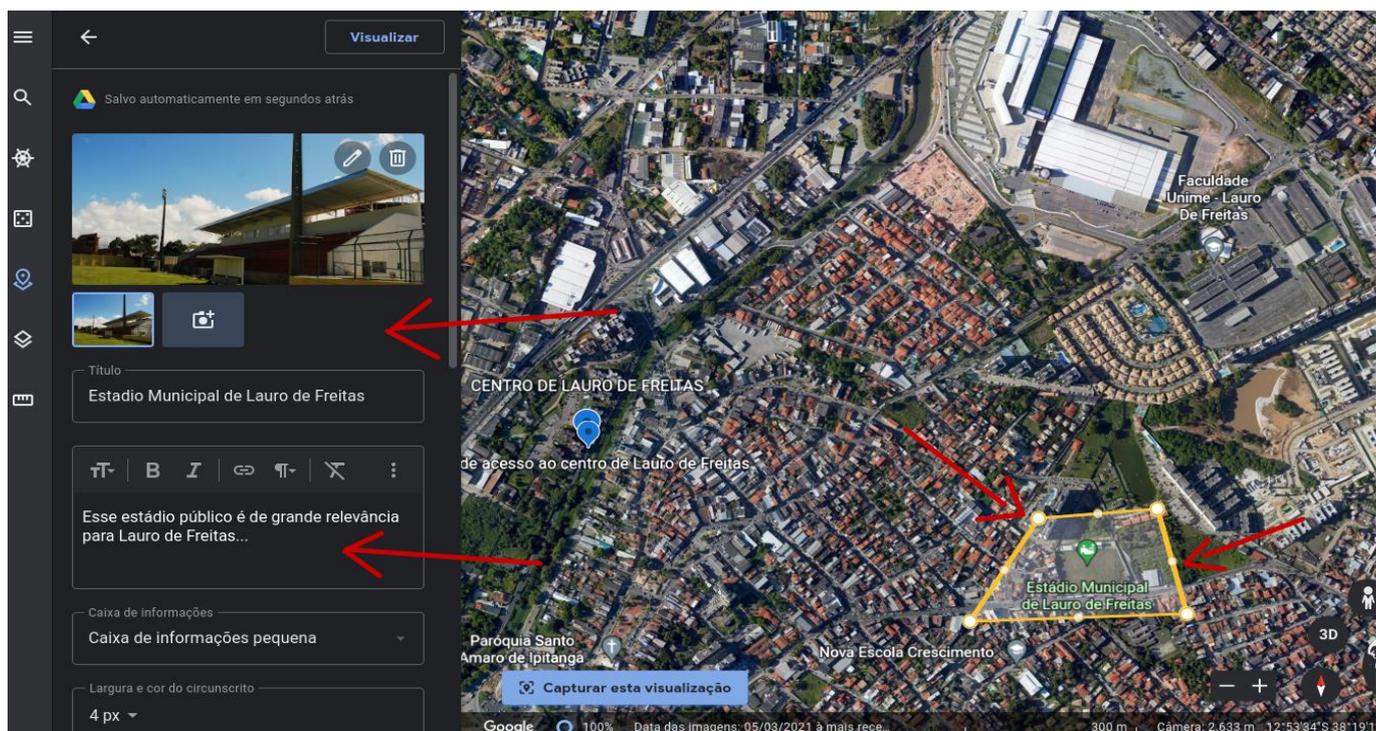


22. O resultado da apresentação dessa etapa é uma imagem de satélite do lugar escolhido se aproximando até ganhar a visão mais próxima do lugar. Com a tecnologia Street View, existe a possibilidade de se movimentar via setas. A caixa de informações inseridas complementa as informações da rua.

7. COMO ADICIONAR UM LUGAR DESTACADO COM LINHAS E FORMAS NO MAPA



22. É possível evidenciar algum lugar em especial no mapa com linhas e formas, basta procurar em novo elemento. Depois salve em capturar essa imagem.

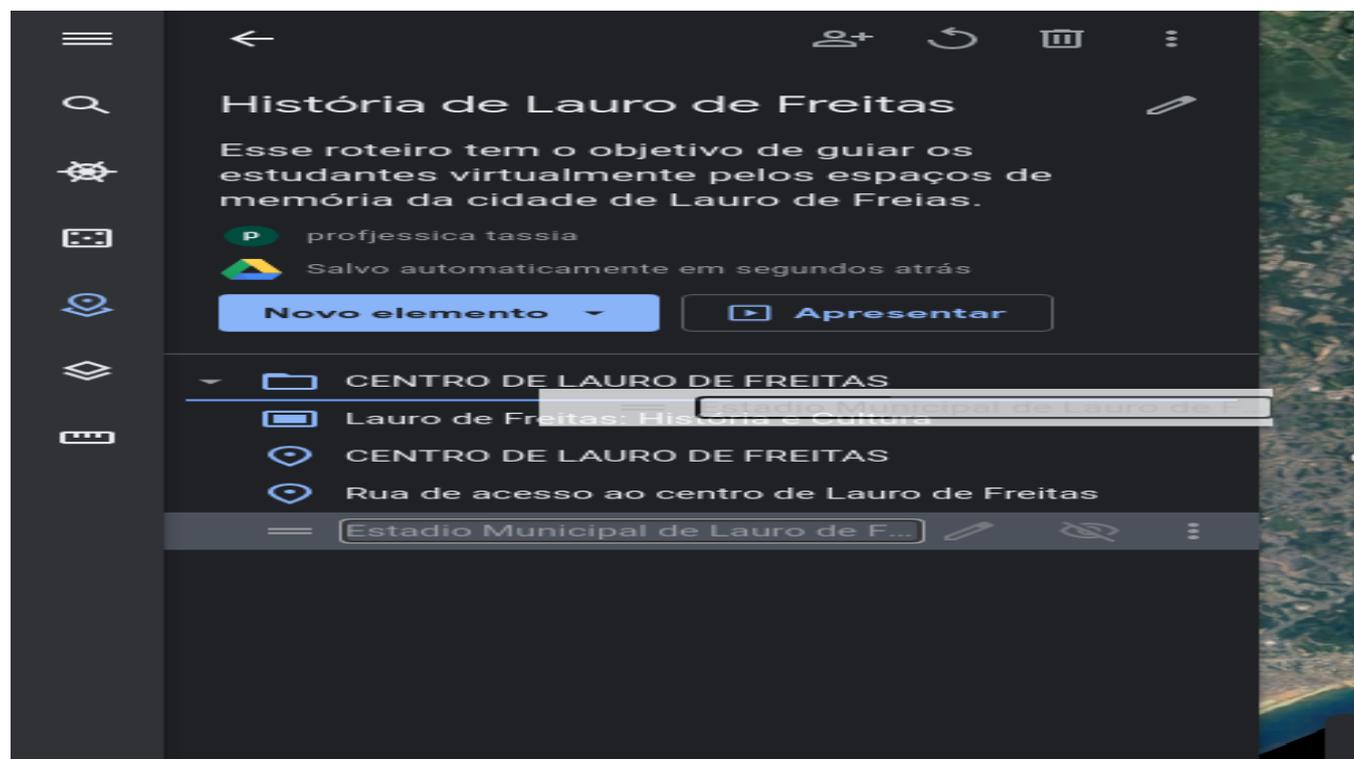


23. Uma vez feito o traçado no mapa, é possível acrescentar caixa de informações com fotos e/ou outros arquivos do lugar. Depois salve em capturar essa visualização.



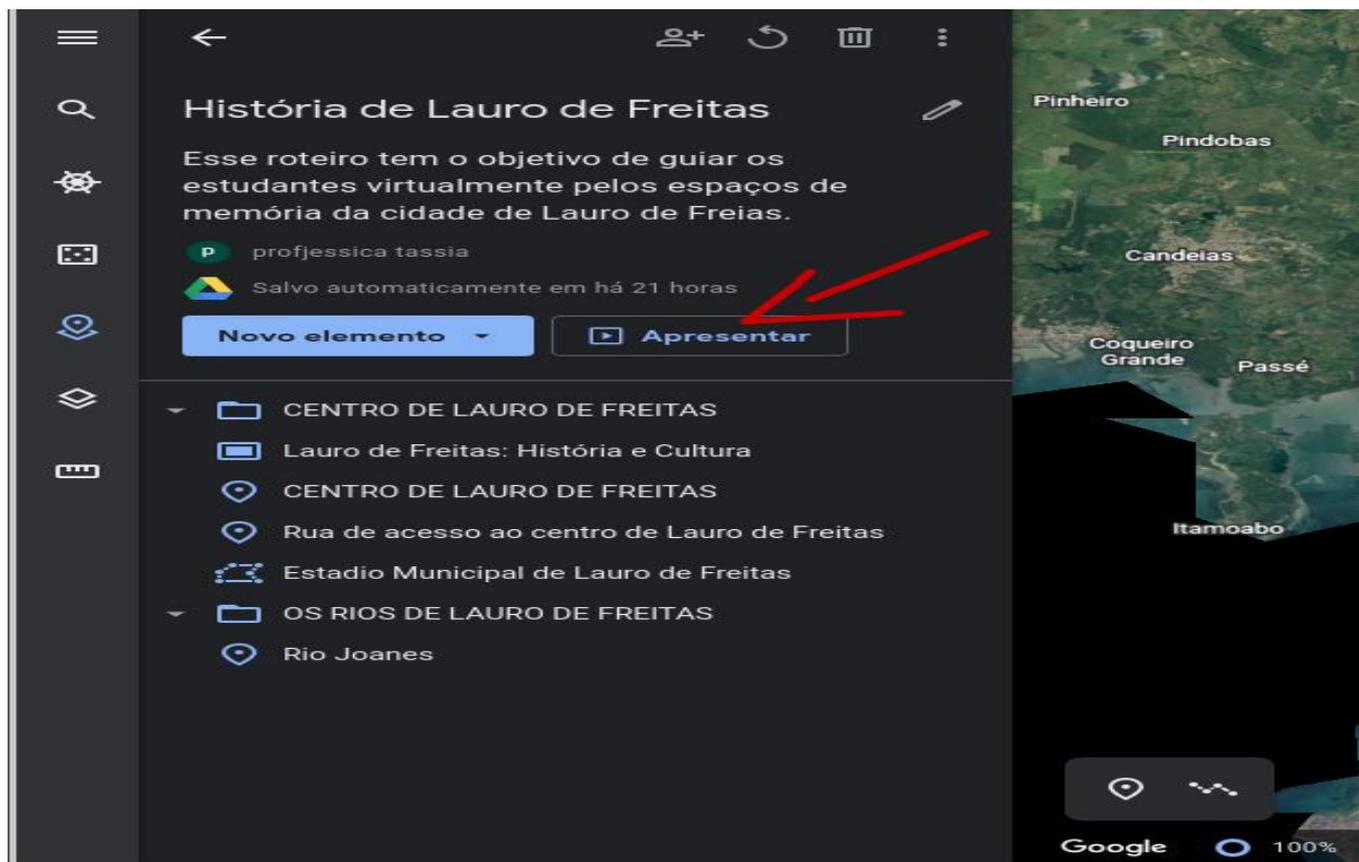
24. O resultado é esse. E na tela, é possível clicar no ícone do boneco para o street view em torno da área selecionada e simular um caminhar.

8. COMO ADICIONAR UMA PASTA PARA ORGANIZAR AS AÇÕES FEITAS E/OU FAZER MINI-ROTEIROS DENTRO DE UM MESMO PROJETO

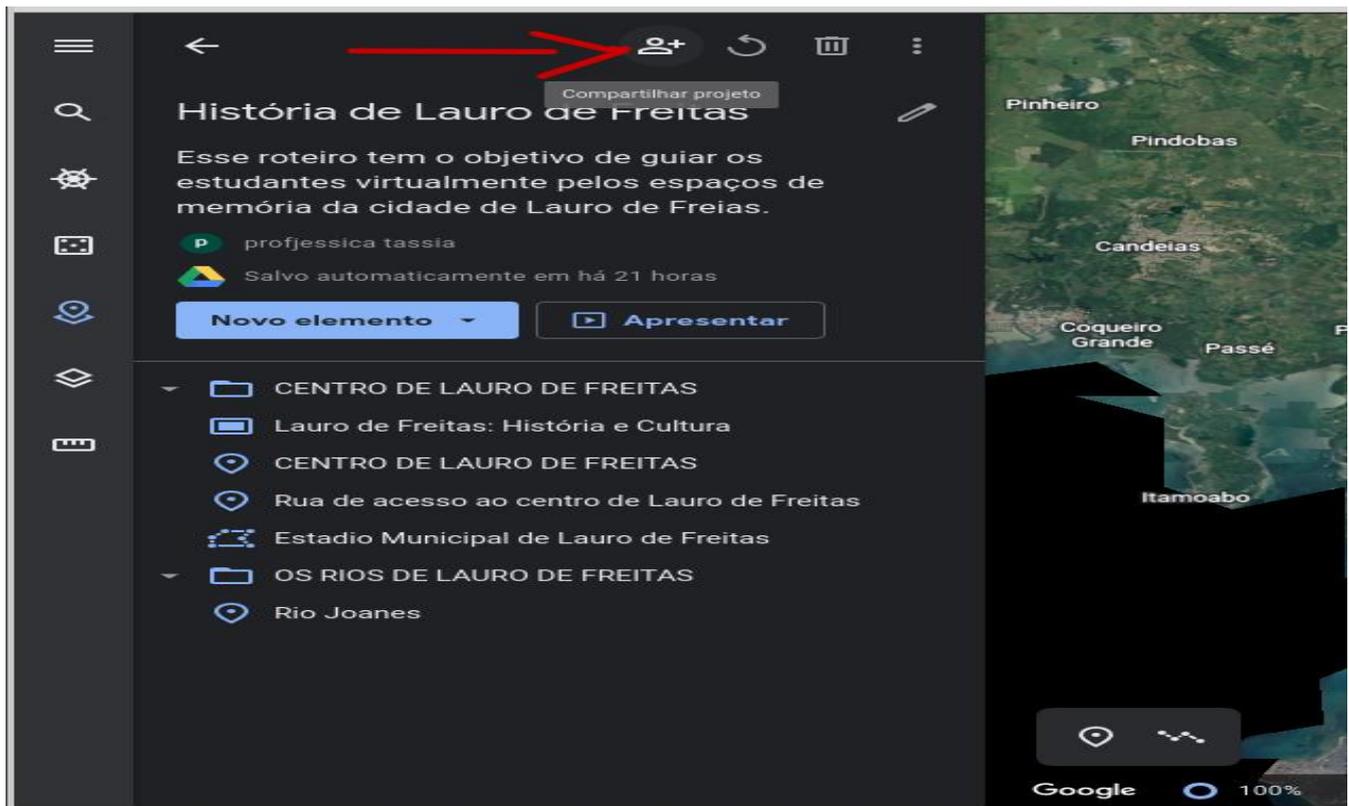


25. Dentro de um mesmo projeto, é possível construir mini-roteiros e organizá-los em pastas devidamente nomeadas. Basta arrastar cada etapa, levando-a até a pasta criada. Assim, serão feitas apresentações mais curtas.

9. FORMATO FINAL E COMPARTILHAMENTO DO PROJETO



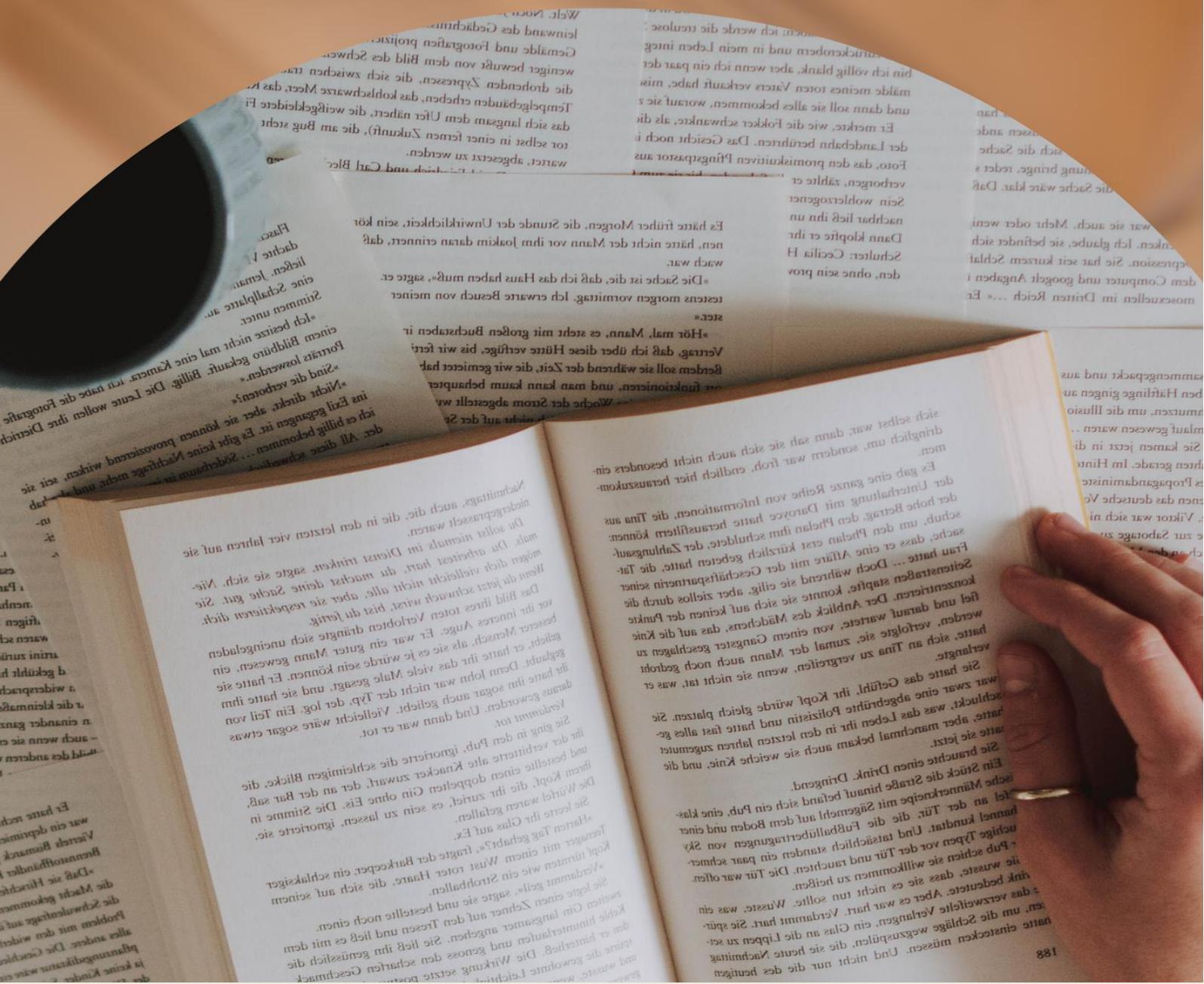
26. Para apresentar, basta clicar duas vezes na primeira etapa (a capa) do roteiro de projeto e apertar no APRESENTAR. No modo apresentação, é só passar usando as setas do índice na tela principal.



27. Para COMPARTILHAR o projeto, é só clicar no ícone do boneco, conforme imagem 1 do quadro. É possível ainda copiar o link na barra da internet, como bem mostra a imagem 2 desse quadro.

MATERIAIS DE REFERÊNCIA

Para os Itinerários



MATERIAIS DE REFERÊNCIA PARA OS ITINERÁRIOS

Com o intuito de facilitar a abordagem dos temas propostos nos itinerários sobre o município de Lauro de Freitas, elaboramos um quadro para indicar os referenciais bibliográficos, vídeos e hipertextos. Muitos desses recursos complementares podem ser adaptados e recomendados aos estudantes quando do estudo da história local. Inclusive colocamos logo no início da tabela o endereço do capítulo I da dissertação que deu origem a esse E-book, pois essa parte do trabalho analisa a trajetória de Lauro de Freitas. Todos os recursos estão listados em função dos respectivos itinerários e são identificados pelos assuntos, bastando clicar nos links para acessá-los.

ITINERÁRIO	ASSUNTO CONTEMPLADO	LINK DO RECURSO
01, 02, 03 04	Capítulo 3 da Dissertação Trajetória de Lauro de Freitas, rios, bairros, patrimônios.	https://docs.google.com/document/d/1S1U33xBhGreXeuwVffvdamyBsZZEfU-oRSJW8n_ztjo/edit
01	Rios transbordam em Lauro de Freitas	https://www.ibahia.com/bahia/detalhe/noticia/desespero-nas-ruas-de-lauro-de-freitas/
01	Obras de Macrodrenagem dos rios em Lauro de Freitas	https://www.laurodefreitas.ba.gov.br/2021/noticias/governador-entrega-obra-da-macrodrenagem-e-assina-ordem-de-servico-para-saneamento-basico-em-lauro-de-freitas-intervencoes-somam-mais-de-300-milhoes/2307
01	Importância dos rios Ipitanga e Joanes para a identidade local	http://www.vilasmagazine.com.br/noticia-detalhe.php?idConteudo=00000004547
02	Texto sobre o museu Mãe Mirinha de Portão	http://museu2009.blogspot.com/2016/01/cultura-candomble-no-brasil-museu.html
02	Notícia Terno de reis em Portão	https://laurodefreitas.ba.gov.br/2019/noticias/terno-de-reis-estrela-dalva-de-portao-abre-calendario-cultural-de-lauro-de-freitas/4015
02	Texto sobre Associação São Jorge Filho da Goméia	https://iberkulturaviva.org/portfolio/associacao-sao-jorge-filho-da-gomeia-economia-criativa-em-torno-da-cultura-e-do-saber-ancestral/

02	Vídeo sobre o Bloco Bankoma	https://youtu.be/3KucmoOI1ZY?si=I4LKTJnb1rtkcHQX
02	Notícia sobre caminhada contra o racismo e a intolerância religiosa em portão	https://laurodefreitas.ba.gov.br/2021/noticias/4-caminhada-tembwa-ngeemba-movimenta-as-ruas-de-portao-neste-domingo-28/3757
02	Texto sobre o levante do rio Joanes	https://www.blogdomarciowesley.com.br/2021/07/levante-do-rio-joanes-uma-sangrenta.html
03	Conflitos por posse de terra no Quingoma	https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflicto/ba-comunidade-quilombola-do-vingoma-aguarda-por-resolucao-de-conflito-com-a-concessionaria-bahia-norte/
03	Quingoma: características e cultura	http://historiasinvisiveisq.blogspot.com/p/quingoma_26.html
03	Rei africanos reconhece proximidade histórica e cultural com o Quingoma	https://sucessagemnews.com.br/quilombo-vingoma-e-reconhecido-como-territorio-ioruba-por-rei-da-nigeria/
03	Africanos que saíram do Brasil e retornaram para a Nigéria levando as brasilidades para aquele país. Os Agudás e as construções.	https://www.bbc.com/portuguese/articles/c51p73m4g2po
04	História de Itinga	https://www.blogdomarciowesley.com.br/2021/08/itinga-orgulho-de-ser-de-lauro-de.html
04	Terras do Aeroporto: de Lauro de Freitas para Salvador	http://www.vilasmagazine.com.br/noticia-detalle.php?idConteudo=00000002721
04	Movimentos Locais contra as ações de anexação de Salvador	http://www.vilasmagazine.com.br/noticia-detalle.php?idConteudo=00000002721 https://www.laurodefreitas.ba.gov.br/2021/noticias/moradores-de-areia-branca-reafirmam-identidade-com-lauro-de-freitas/429
04	Vídeo de reportagem sobre o bairro de Itinga	https://globoplay.globo.com/v/2973080/

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt – **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 2005.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 15-24, jan./abr. 2016.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção docência em formação)
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular: educação é a base**. Brasília: MEC, 2018.
- D'ANDREA, TIARAJU. **Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos**. Dossiê Subjetividades Periféricas. São Paulo: Jan/Abr de 2020 p. 23-27.
- FREITAS, G.; PARANHOS, E. **Livro da história de Lauro de Freitas: antiga Freguesia de Santo Amaro do Ipitanga**. 1608-2008: 400 anos. 3. ed. Lauro de Freitas: Ed. JSP Jornal e gráfica, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- JOSÉ DA SILVA, Giovani; MEIRELES, Marinelma Costa. **Orgulho e preconceito no ensino de História no Brasil: reflexões sobre currículos, formação docente e livros didáticos**. Crítica Histórica, v. 8, n. 15, p. 7-30, jul./ 2017
- LEE, P. **Em direção a um conceito de literacia histórica**. In: Educar, Curitiba, p. 131 – 150, 2006.
- ORIÁ, Ricardo. **Memória e ensino de História**. In: BITTENCOURT, Circe (org.). O saber histórico na sala de aula. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- PAIVA, Cláudio. C. **A contemplação do mundo. O Google Earth e a Terra Pátria Digitalizada**. PPGC/UFPB. Culturas Midiáticas , v. 3, p. 1-15, 2010.
- PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- RAMOS, Silvana Calarga. **Para aprender um pouco de História: as fontes históricas como primeiro passo**. Cadernos PDE/ Produções Didático-Pedagógicas - UNESPAR – Campus de Campo Mourão. 2016.
- RÜSEN, J. **Razão da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- WALSH, Catherine. **Interculturalidade, crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver**. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-42.